UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

DÉBORA HARUMI RODRIGUES SANBUICHI

A BAHIA DE JORGE AMADO: DO UNIVERSO LITERÁRIO AO TURISMO BAIANO. UMA REFLEXÃO SOBRE TURISMO E LITERATURA

BRASÍLIA
2022

Débora Harumi Rodrigues Sanbuichi

A BAHIA DE JORGE AMADO: DO UNIVERSO LITERÁRIO AO TURISMO BAIANO. UMA REFLEXÃO SOBRE TURISMO E LITERATURA

Monografia, apresentada à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel(a) em Turismo.

Orientador: Dr. Thiago Sebastiano de Melo

Brasília - Distrito Federal

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RS198b

Rodrigues Sanbuichi, Débora Harumi
A Bahia de Jorge Amado: Do Universo Literário ao Turismo Baiano. Uma Reflexão sobre Turismo e Literatura / Débora Harumi Rodrigues Sanbuichi; orientador Thiago Sebastiano de Melo. -- Brasília, 2022.
59 p.

Monografia (Graduação - Turismo) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Turismo. 2. Literatura. 3. Jorge Amado. 4. Turismo Literário. I. Sebastiano de Melo, Thiago , orient. II. Título.

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

DÉBORA HARUMI RODRIGUES SANBUICHI

Avaliado por:

_____

Prof. Dr. Thiago Sebastiano de Melo
Orientador – CET/UnB

Brasília, 14 de maio de 2022.

RESUMO

O presente estudo analisou como se pode relacionar o universo literário de Jorge Amado ao turismo baiano tendo como aporte a área de pesquisa em turismo e literatura. Para tanto foram utilizados na investigação autores que pesquisam essa área de estudos, além da leitura da obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios” de Jorge Amado (1945) e da tese “A Bahia de Jorge Amado” (2008), de Jacques Salah e a realização de duas entrevistas em profundidade com a coordenadora de comunicação e do acervo da Casa do Rio Vermelho e a diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado. O objetivo foi promover uma reflexão sobre turismo e literatura a partir do universo literário de Jorge Amado, a fim de enriquecer a discussão acerca do turismo literário e suas potencialidades dentro da temática do turismo e da literatura.

Palavras-chave: Turismo; Literatura; Jorge Amado; Turismo literário.

ABSTRACT

This study analyzed how the literary universe of Jorge Amado can be related to the tourism in Bahia, having as input the area of research in tourism and literature. For this purpose, authors who research this area of studies were used in the investigation, in addition to reading the work “Bahia de Todos os Santos: Guia de Rua e Mistérios” by Jorge Amado, 1945, and the thesis “A Bahia de Jorge Amado”, 2008, by Jacques Salah, and the analysis of two in-depth interviews with the coordinator of communication and the collection of Casa do Rio Vermelho and the executive director of Fundação Casa de Jorge Amado. The objective was to promote a reflection on tourism and literature from the literary universe of Jorge Amado, in order to enrich the discussion about literary tourism and its potential within the theme of tourism and literature.

Keywords: Tourism; Literature; Jorge Amado; Literary tourism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO 1 - TURISMO E LITERATURA: TURISMO LITERÁRIO **7**

1.1 Turismo 8
1.2 Literatura 16
1.3 Turismo Literário 23

CAPÍTULO 2 - DA LITERATURA DE JORGE AMADO AO TURISMO BAIANO **29**

2.1 Jorge Amado e o Universo Literário Amadiano 31
2.1.1 Bahia de Todos-os-Santos: Guia de Ruas e Mistérios (1945) 35
2.2 Da literatura ao turismo 39

CONSIDERAÇÕES FINAIS **44**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **46**

APÊNDICE A **51**

ANEXO A **52**

INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno sociocultural complexo, que inter-relaciona produtos e serviços com a prática social baseada na cultura, nos espaços e nas relações sociais estabelecidas em determinado lugar (MOESCH, 2002). Da mesma forma, a literatura também é um conceito complexo, que depende muito da relação texto/leitor, uma vez que, segundo Terry Eagleton (2006), não existe uma "essência" claramente definida da literatura.

Esses dois campos de estudo científico que, em princípio, não possuem relação, estão associados, na prática, com o imaginário, a expectativa e o lazer. Sendo possível, ainda, relacionar outros conceitos a estes, como a alteridade e a empatia.

O turismo como um fenômeno frequentemente associado ao mercado, é trabalhado dentro do seu âmbito operacional a partir de segmentações por oferta ou demanda, tais como o turismo cultural. De acordo com os autores Mike Robinson e Hans-Christian Andersen, 2002, o turismo literário é um tipo de turismo cultural. Essa segmentação dentro da segmentação seria assim classificada quando a motivação principal da viagem é um texto literário e/ou o autor deste.

Jorge Amado (1912-2001) é considerado um dos grandes nomes da literatura brasileira. Reconhecido como expoente da segunda fase do modernismo, esse autor, nascido e criado na Bahia, escreveu diversas obras de grande sucesso, que foram publicadas em mais de 50 países e traduzidas para mais de 45 idiomas. Por sua extensa produção literária, seus romances exploram a abordagem da temática do regionalismo nordestino de diferentes maneiras ao longo do tempo, indo de obras com carácter político e revolucionário e com fortes apelos sociais à outras classificadas pelos críticos como crônicas de costumes provincianos, como é o caso de Dona Flor e Seus dois Maridos, publicado em 1967.

O reflexo do legado deixado pelo autor, materializa-se nos espaços que tornaram-se atrativos turísticos nas cidades de Ilhéus e de Salvador, na Bahia, em que o autor morou e que serviram de cenário para os seus romances. Em diálogo com autores como Costa (2009), entende-se atrativo turístico como um recurso cultural de natureza material ou simbólica que possui potencialidade para atrair

visitantes. Como exemplo disso, há o antigo bordel da famosa personagem Maria Machadão da obra Gabriela, Cravo e Canela, 1958, em que hoje funciona o Centro Cultural Bataclan, em Ilhéus.

Dentro desse contexto, este trabalho tem como objetivo geral, promover uma reflexão sobre turismo e literatura a partir do universo literário de Jorge Amado, uma vez que esse autor é um clássico nacional que teve grande sucesso com seus livros, que também foram adaptados para o cinema, o teatro, a televisão, além de outros veículos de comunicação e que, por tudo isso, atrai visitantes amantes da literatura e da cultura nordestina para esse estado. A fim de atingir o objetivo proposto, enumera-se os seguintes objetivos específicos: (1) relacionar as teorias da literatura e do turismo, pelo aporte do turismo literário e (2) investigar a conexão entre o universo literário de Jorge Amado e o fenômeno do turismo.

A partir dessa investigação, pretende-se responder à questão**:** Como se pode relacionar o universo literário de Jorge Amado ao turismo baiano tendo como aporte a área de pesquisa em turismo e literatura? e, ainda, aponta-se a oportunidade de enriquecimento da discussão acerca do turismo literário e suas potencialidades dentro da temática do turismo e da literatura.

Tendo em vista tais objetivos, considera-se na sequência algumas implicações de ordem metodológicas. O pesquisador Netto (2011) entende que as experiências e o entendimento de mundo do indivíduo fazem parte da sua construção de pensamento e, consequentemente, das suas escolhas metodológicas e, pode-se dizer também, que da escolha de seu objeto de estudo. A partir dessa ideia, pode-se concluir que Netto não desvincula a obra do autor.

Logo, dentro da pesquisa, ao delimitar um objeto, existe uma justificativa por trás da escolha relacionada à vivência e aos interesses do(a) pesquisador(a) que, neste trabalho, é uma ligação prévia com a temática. Uma relação construída ao longo de muitos anos com a literatura, em especial com os romances, iniciada como uma forma de entretenimento, prazer e fuga, que tornou-se aqui, um dos focos de uma investigação que a une a um fenômeno que também pode ser associado a essas mesmas palavras, o turismo.

Após a delimitação do objeto, levanta-se a questão: “como conhecê-lo?”. É na investigação do “como” que fala-se em método. De acordo com Marx (1982), a

investigação parte do complexo ao simples. Ele entende que para atingir um conhecimento concreto é preciso primeiro torná-lo abstrato a fim de alcançar as “determinações mais simples” e, em seguida, fazer o caminho inverso para torná-lo concreto novamente a partir da reprodução do pensamento “[...] mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas.” (Netto, 2011, p.43)

Marx juntamente com Engels (1963, v. 3, p. 195, apud NETTO, 2011, p.31), com quem elaborou diversas obras conjuntas, entendem que “[...] não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos.” Isso porque o mundo está em constante mudança, sujeito a transformações e desenvolvimento. Logo, a investigação é, antes de mais nada, um processo que demanda tempo e não é definitivo. Sendo as perguntas, o ponto de partida da pesquisa.

Segundo Netto (2011, p.25), dentro das concepções de Marx, “[...] o papel do sujeito é fundamental no processo da pesquisa”. Isso porque o autor visualiza o(a) pesquisador(a) enquanto um sujeito essencialmente ativo que tem como função apreender a essência, a estrutura e a dinâmica do seu objeto de estudo. Para tanto, o(a) pesquisador(a) pode utilizar diferentes técnicas e ferramentas, como a análise documental, a observação e outros.

Este trabalho é desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória, que de acordo com Veal (2011), é um tipo de pesquisa descritiva que se propõe a descobrir, descrever e mapear objetos de estudo que ainda não foram investigados. A fim de atingir o objetivo apresentado, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa que pressupõe que “a realidade não é construída de forma objetiva, mas social e subjetivamente” (VEAL, 2011, p. 264). Esta abordagem, ainda:

> Envolve a coleta de uma grande quantidade de informações sobre um pequeno número de pessoas, em vez de uma pequena quantidade de dados sobre um grande número de pessoas. A informação coletada não é, geralmente, apresentada de forma numérica. É usada quando a completa compreensão do comportamento e das situações de alguns indivíduos, por mais “não representativos” que possam ser, é necessária, mais do que o entendimento limitado de um grupo grande e representativo. (VEAL, 2011, p. 76)

Com o corpo da pesquisa estruturado em dois capítulos, a parte inicial deste trabalho foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica, que busca na

literatura pré-existente à investigação atual uma fundamentação teórica para a análise proposta. Como explica Veal (2011, p.183), esse tipo de abordagem é “mais focada e procura descobrir pesquisas existentes que possam auxiliar na questão ou no assunto de determinada pesquisa.”

A fim de partir para investigação da conexão entre o universo literário de Jorge Amado e o turismo baiano, além da pesquisa bibliográfica, utilizou-se a análise de documentos, arquivos, relatórios, sítios eletrônicos institucionais e outras fontes primárias, sejam elas escritas ou não com o objetivo de enriquecer o diálogo estabelecido por meio do embasamento teórico. De acordo com Helder (2006), esse tipo de pesquisa, chamada de pesquisa documental, utiliza-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico. Segundo Cellard (2008), esse tipo de pesquisa, ainda, requer uma análise preliminar das fontes primárias escolhidas pelo(a) pesquisador(a) acerca da sua autenticidade e confiabilidade, o seu contexto, a sua natureza, entre outros, a fim de assegurar a qualidade da análise.

Como complemento a esses dados, foram realizadas, por meio de vídeo chamada via plataforma Microsoft Teams, entrevistas com a coordenadora de comunicação e do acervo da Casa do Rio Vermelho, primeira funcionária do memorial e neta de Jorge Amado, Maria João Amado (entrevista 1); e com Angela Fraga (entrevista 2), a diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado e filha de Myriam Fraga, escritora que ajudou o autor e sua esposa, Zélia Gattai, a criarem a fundação e esteve à frente da Casa por 30 anos. Tanto a Casa quanto a Fundação estão localizadas na cidade de Salvador, na Bahia.

Para cumprir com os objetivos da pesquisa, entende-se que a entrevista semi-estruturada ou em profundidade, como é chamada por Veal (2011), apresentou-se como a escolha mais adequada para o levantamento. Por natureza,

> Uma entrevista em profundidade é caracterizada por sua extensão, profundidade e estrutura. Entrevistas profundas tendem a ser mais longas que entrevistas com questionários, durando geralmente pelo menos meia hora [...] o entrevistador em profundidade geralmente encoraja os entrevistados a falar, formula questões suplementares e pede que os entrevistados expliquem suas respostas. [...] é, portanto, menos estruturada que uma entrevista baseada em questionário. (VEAL, 2011, p. 271)

Neste tipo de entrevista, é comum que o pesquisador(a) planeje um roteiro com os assuntos que serão abordados durante a conversa. Logo, abaixo estão as questões introdutórias que nortearam as entrevistas:

- sobre a vida de Jorge Amado (se tem relação com outras territorialidades na Bahia; sua importância literária para o território baiano; se tem algum evento importante que poderia citar);
- sobre a importância da obra literária do autor para o Estado da Bahia e os municípios escolhidos para a pesquisa (Ilhéus e Salvador);
- sobre os atrativos turísticos com base nessas obras literárias (quais são, onde estão localizados; qual a relação íntima com o autor; é possível aferir o grau de importância para o turismo local e nacional, de que forma se dá essa importância);
- (re)conhecer o potencial para um turismo pedagógico, um turismo de proximidade, um fortalecimento territorial, uma apropriação cultural por autóctones.

Após a etapa de entrevistas, a gravação autorizada pelas participantes foi utilizada como material para a coleta dos dados relevantes para a análise. Para tal, adotou-se a técnica de identificação dos temas emergentes, tendo como variável de reconhecimento os atrativos já estruturados e em visitação, a partir das obras literárias de Jorge Amado.

De acordo com Veal (2011),

> Uma abordagem típica da análise qualitativa é procurar *temas emergentes* - o equivalente às *variáveis* na pesquisa quantitativa. Os temas podem surgir da estrutura conceitual e das questões de pesquisa e, portanto, ser conscientemente procurados de forma dedutiva, ou podem emergir espontaneamente de uma maneira mais indutiva. Em geral, ocorrem os dois processos. (VEAL, 2011, p. 285)

Procurou-se neste trabalho, portanto, atingir o objetivo de descobrir, descrever e mapear o objeto escolhido a partir da utilização das ferramentas de pesquisa citadas que se fizeram necessárias durante a investigação. Sendo que a relação entre as teorias da literatura e do turismo, pelo aporte do turismo literário, foi realizada a partir de uma pesquisa bibliográfica e a investigação da conexão entre o universo literário de Jorge Amado e o fenômeno do turismo se deu a partir daquilo

que foi apurado durante as entrevistas em profundidade e a leitura da obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios” de Jorge Amado (1945) e da tese “A Bahia de Jorge Amado” (2008), de Jacques Salah.

CAPÍTULO 1 - TURISMO E LITERATURA: TURISMO LITERÁRIO

O ponto de partida da investigação proposta é a apresentação dos conceitos chaves que compõem a base desta pesquisa. Quando se fala de conceituação, especialmente nas ciências sociais, nada é tão simples como parece. Tratando-se do turismo e da literatura, dois conceitos complexos que não escapam dos debates teóricos e que, obviamente, dividem opiniões quanto às suas definições, faz-se necessário esclarecer qual é o entendimento adotado, neste trabalho, dos termos turismo, literatura e também de outros que podem surgir a partir da interseção deles, como é o caso do turismo literário e do imaginário.

Os dois termos centrais que nomeiam essa área de pesquisa e que, em princípio, não são investigados de maneira conjunta, possuem semelhanças no que diz respeito à sua complexidade conceitual enquanto fenômeno. Enquanto a complexidade do turismo se apresenta por meio de sua interdisciplinaridade e das dinâmicas do indivíduo com o espaço, a da literatura se mostra através da dinâmica texto/leitor e das interpretações que surgem a partir daí.

Já na prática, pode-se dizer que o turismo e a literatura se encontram na associação com o imaginário, a expectativa e o lazer. Além disso, ambos se envolvem intimamente com a perspectiva do “outro” e a noção de estranhamento; em outras palavras, com a alteridade, um dos conceitos presente nos estudos do filósofo Bakhtin que se dedicou a estudar a linguagem, a literatura e a arte. De acordo com Bassinello (2017),

> A alteridade bakhtiniana funda-se nas vozes, na escuta das vozes que se entrelaçam no diálogo como caminho constitutivo dos sujeitos, logo, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, em um processo que não surge de suas próprias consciências, mas de relações sócio-historicamente situadas (BASSINELLO, 2017, p.78).

Apesar de extremamente filosófico, esse conceito trata do encontro de singularidades, de acordo com Ponzio (2013). E não é justamente essa uma das palavras utilizadas para se descrever uma obra considerada literária? Ou, então, explicar o porquê que determinada localidade torna-se um destino turístico? Obviamente, essas observações apenas tocam a superfície dessa discussão, porém, para esta proposta, não nos cabe aprofundar neste debate.

Pretende-se aqui, portanto, buscar na literatura acadêmica pré-existente, teóricos(as) que discutem tanto o turismo e a literatura enquanto campos de estudos independentes, como pesquisadores(as) que se debruçam sobre os estudos dessas duas áreas de maneira conjunta e estabelecer um diálogo entre esses autores e autoras a fim de promover uma reflexão que contribua para um olhar crítico sobre essa temática, que ainda carece de uma produção mais abundante.

1.1 Turismo

O turismo é largamente tratado e entendido, equivocadamente, fora do ambiente acadêmico apenas como uma indústria ou uma atividade econômica que movimenta bilhões de reais no país. Essa visão não deixa de ser verdade, porém ela é apenas uma das muitas faces desse fenômeno. Por isso, essa perspectiva torna-se limitante para uma análise mais profunda da questão.

De acordo com Beni e Moesch (2016), o saber turístico não é linear. A sua complexidade se dá justamente pela sua interdisciplinaridade, sendo que esta “trata da síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando um novo nível do discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais” (BENI; MOESCH, 2016, p. 5). Segundo os autores, ela possibilita o surgimento de novas práticas, conceitos e categorias de análise.

Dentro do turismo há diversas áreas que fazem parte do processo de construção desse campo do conhecimento enquanto ciência, dentre elas pode-se citar: a gestão, a geografia, o marketing, a economia, a sociologia e outras. Além disso, segundo Beni e Moesch (2016), o fato do indivíduo apresentar-se como o sujeito central do fenômeno, dá a este um caráter social que aprofunda a complexidade epistemológica de seu objeto e cria a necessidade de buscar novos caminhos metodológicos dentro do estudo do turismo.

Toda essa complexidade, então, reúne dinamicidade, multifacetas, além de caráter social e mutável. Essas características apresentam-se como desafios para a construção conceitual do fenômeno. Beni (1990) em seu artigo “Sistema de Turismo - SISTUR Estudo do Turismo face à Moderna Teoria de Sistemas” discorre sobre essa questão e reflete o porquê a maioria dos conceitos criados possuem a tendência de reduzir e limitar o fenômeno à determinados aspectos:

> Há tantas definições de turismo quanto autores que tratam do assunto. Mas quanto maior o número de pesquisadores que se preocupam em estudá-lo, tanto mais evidente se apresentará a amplitude e a extensão do fenômeno do turismo e tanto mais insuficientes e imprecisas serão as definições existentes. [...] o fenômeno é tão grande e complexo que se torna praticamente impossível expressá-lo corretamente e, por isso, preferem observar invariavelmente seus aspectos parciais ou, pelo menos, algumas de suas realidades isoladas (BENI, 1990, p. 21).

Portanto, quando um indivíduo se depara com um conceito de turismo, ele deve levar em consideração os aspectos abordados pelo autor na sua definição e os objetivos que justificam a perspectiva adotada por ele. Em consonância com essa ideia, observa-se que a definição de turismo dada pela OMT (Organização Mundial do Turismo) que é o conceito normalmente mais usual, por exemplo, apresenta-se da forma que é porque cumpre com um objetivo. A OMT, enquanto uma agência especializada das Nações Unidas que se propõe a promover e desenvolver o turismo, influencia nas diretrizes das entidades governamentais membros da organização e, por conseguinte, assume em sua definição de turismo um interesse "[...] explícitamente operacional, de uso prático, e não de preocupação conceitual." (Pakman, 2014, p. 5) Ainda assim, a definição da OMT abarca os elementos comuns nas diferentes noções de turismo destacados por Beni (1990) em seu artigo, que incluem o deslocamento, a permanência fora do domicílio (que não é mais considerada), a temporalidade, o sujeito e o objeto da atividade.

> O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado. (ONU / OMT, 1999, p. 5)

Porém, como dito no parágrafo anterior, apesar dessa definição ser da forma que é por conta dos objetivos da OMT enquanto agência, ela apresenta brechas que dão abertura a vários questionamentos. O interesse operacional da OMT acaba por limitar o turismo a uma atividade econômica que exclui as nuances do fenômeno. Além disso, o que seria esse espaço habitual? O lugar quando torna-se habitual deixa de ser uma manifestação do turismo? E os estudantes que viajam com bolsa de estudos? Ou que têm permissão para trabalhar durante o intercâmbio? Essas pessoas não são excluídas das principais pesquisas, que normalmente incluem o fluxo turístico e a movimentação de receita gerada pelo turismo.

Em 2008, no entanto, a OMT passa a se referir ao turismo em suas publicações como mais que uma atividade ao inserir a noção de fenômeno social, cultural e econômico numa atualização do conceito publicado em 1999.

Beni (1990) numa tentativa de apresentar de forma organizada e estruturada os componentes desse fenômeno e as relações de causa e efeito geradas a partir da interação entre eles, propõe um modelo referencial, com abordagem sistêmica, denominada SISTUR (Sistema de Turismo). O autor entende o turismo como um sistema aberto, uma atividade que engloba três componentes centrais: o Conjunto de Relações Sociais, constituído pelos subsistemas econômico, social, cultural e ecológico que funcionam de maneira interdependente; o Conjunto da Organização Estrutural, composto pelos subsistemas infraestrutura e superestrutura; e o Conjunto das Ações Operacionais, que representa o subsistema mercado (oferta, demanda, produção, distribuição e consumo). Seu objetivo era criar um instrumento de análise que auxiliasse na condução da investigação, da pesquisa e do desenvolvimento desse fenômeno enquanto atividade.

Já a autora Marutschka Moesch (2002), em seu livro “A Produção do Saber Turístico”, tenta traduzir a complexidade do fenômeno a partir da busca por uma nova epistemologia. Segundo a autora, é necessário ressignificar as categorias de análise já existentes no estudo do turismo e investigar novas faces do fenômeno de maneira articulada por meio de uma abordagem dialética, já que as metodologias utilizadas tradicionalmente mostram-se limitantes. No entanto, o fato dessas metodologias serem insuficientes para abarcar a complexidade do turismo, não quer dizer que elas sejam dispensáveis. A autora aponta as falhas existentes nesses sistemas de análise e procura mostrar novos caminhos. Para Moesch (2002), então,

> O fenômeno turístico constitui-se de espaço e de tempo, como práticas sociais, os quais se reconstroem a partir de determinações econômicas e tecnológicas, mas não sem a isenção de sujeitos ideológicos, comunicacionais, carentes de práticas imaginativas e diversionais, sujeitos em seu tempo e espaço pós-moderno. (MOESCH, 2002, p.47)

Os autores, Beni e Moesch, numa publicação conjunta de 2016, “Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo”, apresentam uma reconstrução do SISTUR a partir da teoria da complexidade de Morin (2000). Esse novo modelo é

um sistema vivo, o ecossistema turístico, que se auto organiza e realiza uma auto produção, porém essa proposição não será aprofundada neste trabalho.

É evidente que a viagem é um elemento central à definição de turismo, porém nem todo deslocamento pode ser entendido como uma viagem turística. Mas o que a caracteriza como tal? Alguns autores como Susana Gastal (2005) entendem que é possível o indivíduo fazer turismo dentro da sua própria cidade ao explorar espaços não habituais a ele existentes na localidade. Então, o que diferenciaria uma viagem turística de outras viagens é a sua motivação? E, ainda, por que esse entendimento exclui o espaço "habitual" da manifestação do fenômeno turístico? Segundo Gastal (2005, p.12), um deslocamento dentro da própria cidade e um deslocamento para fora dessas fronteiras, realizados enquanto viagens turísticas, têm em comum o estranhamento, o prazer e o que a autora descreve como ansiedade diante do desconhecido e do novo. Porém, para Gastal (2005, p. 59) "Hoje, o desconhecido está menos ligado ao território e mais associado a hábitos sociais ou a práticas culturais diferentes daquela do viajante."

A palavra estranhamento, aparentemente, é uma constante quando se fala em turismo. No entanto, cabe questionar o porquê que o habitual, de acordo com o entendimento da autora, exclui uma determinada manifestação como parte do fenômeno turístico apenas por não ser mais "novidade". O desconhecido é realmente uma condição imprescindível para a ocorrência do turismo, esteja ele ligado ao espaço físico ou às práticas culturais?

Segundo Gastal (2005), desde a revolução industrial, o surgimento de novos meios de transporte como os automóveis e os trens, e mais para frente com a globalização e a informatização da sociedade, o tempo e o espaço sofreram mudanças relativas à forma como são percebidos. O encurtamento das distâncias facilitou o deslocamento do indivíduo para destinos mais afastados do seu local de residência. Isso também, eventualmente, fez com que o "desconhecido" se afastasse da questão espacial, uma vez que o ser humano já alcançou quase todos os recantos do planeta, e se aproximasse da questão cultural. Esse momento denominado pós-modernidade trouxe, ainda, a hegemonia do olhar e o que a autora chama de civilização da imagem, nomenclatura que se faz ainda mais adequada no presente.

A imagem se apresenta como um elemento comum ao fenômeno do turismo. Para além das fotografias tiradas como formas de lembrança, status ou com objetivos publicitários, a imagem como uma forma de linguagem não verbal dentro do turismo, utiliza-se de signos chamados ícones, figuras quase que universais, que ajudam até certo ponto os viajantes que não falam o idioma de determinada localidade a interpretar informações importantes, por exemplo. Segundo Moesch (2002, p.43), “O olhar é constituído por meio de signos, e o turismo abrange uma coleção de signos.” O estudo desses elementos linguísticos que são utilizados para representar uma determinada coisa, objeto ou ideia em forma de linguagem, seja ela verbal ou não, fazem parte do estudo da semiótica, que será melhor aprofundada no tópico 1.2 Literatura.

Além disso, segundo Culler (1981), o turista também faz uso da semiótica para procurar signos que representam uma cultura, uma identidade ou um padrão estético, por exemplo, no lugar em que visita. A partir daí, então, fala-se em imaginários e não em imagens. Pode-se dizer que “o mundo imaginal é constituído por meio de um conjunto de imagens, imaginações e símbolos que constroem a vida social” (MOESCH, 2002, p. 46). Porém, segundo Juremir Machado da Silva (2003, p.2), o imaginário vai muito além de um conjunto desses elementos, ele é uma “rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente.”

Para Maffesoli (2001), a imagem é resultado do imaginário e não o contrário. De acordo com o pensador francês, em entrevista concedida para Juremir Machado da Silva, publicada na revista Famecos, em 2001 (p.75), o imaginário é uma aura, “uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável.” Logo, os imaginários são uma presença constante no cotidiano de qualquer indivíduo. De acordo com Gastal (2005, p.78), eles estão “presentes no cinema, na literatura e na música. Na televisão e na conversa numa mesa de bar.”

Dessa forma, de acordo com esses entendimentos, a ideia de Maffesoli (2001) sobre o imaginário ser sempre coletivo faz bastante sentido. Ao assumir o indivíduo enquanto um ser inserido numa sociedade, pode-se concluir que um imaginário “individual” está sempre atrelado a um imaginário coletivo. Para o autor, o imaginário é um cimento social.

Ao tratar dessas definições, pode-se abrir, ainda, uma discussão acerca da diferença entre imaginário e cultura. Ao comparar os dois conceitos, é possível apontar vários pontos semelhantes ou até mesmo convergentes. Eles, entretanto, apesar de entrelaçados, são distintos. De acordo com Maffesoli (2001), o imaginário está inserido na cultura, porém, é de certo modo independente. O autor entende a cultura como um conceito mais amplo, no seu sentido antropológico. Ela seria passível de descrição, já que pode-se apontar costumes, festas, vestimentas, músicas, língua, assim como o imaginário, como elementos constituintes de uma determinada cultura. Enquanto o imaginário, por si só, teria esse aspecto perceptível passível de descrição, porém como dito anteriormente, com uma característica inquantificável. O imaginário seria “o estado de espírito que caracteriza um povo” (MAFFESOLI, 2001, p. 75) e, portanto, possui nuances e uma dinamicidade que tornam impossível a sua concretude.

Ao resgatar a questão das motivações da viagem mencionada anteriormente neste tópico, é possível iniciar uma nova discussão que nos conduz aos próximos conceitos que são importantes para a análise proposta neste trabalho. Como já citado, o indivíduo ao realizar uma viagem turística poderia estar motivado por uma fuga do cotidiano, como pode ser interpretada a questão do deslocamento para espaços não habituais, presente na grande maioria das definições de turismo. Porém, a autora Susana Gastal (2005) entende que o foco dessa motivação não deve ser analisado a partir da fuga, mas sim, da busca. A fuga seria uma simplificação que reduz o olhar e não nos leva às respostas que procuramos. A partir da busca como motivação é possível atrelar os demais conceitos explorados aqui e tentar identificar, neste caso, como esses caminhos distintos (turismo, literatura, imaginário, cultura) se interligam para criar um novo (turismo cultural, turismo literário).

Gastal (2005), ao incluir o imaginário como um elemento comum dentro do turismo, torna-o parte constitutiva da motivação do viajante. A autora, em seu livro “Turismo, Imagens e Imaginários”, menciona três imaginários tradicionais ligados às viagens turísticas: (1) a busca por status, (2) a busca por cultura e (3) a busca por um lugar paradisíaco. Desses três, em princípio, o que nos interessa é o segundo.

É válido questionar, no entanto, a classificação desses imaginários como categorias independentes e aparentemente excludentes. Isso porque o imaginário, na verdade, pode passear por essas três nuances e, consequentemente, borrar as fronteiras que delimitam as categorias mencionadas.

Isso pode ser verificado, por exemplo, no próprio início das viagens turísticas, os chamados *Grand Tours*, já bem estruturados no século XVII, viagens realizadas por filhos homens de aristocratas britânicos, em sua maioria, com o objetivo de trazer conhecimento a partir da vivência e do contato com outras culturas a fim de completar a educação formal desses indivíduos. De acordo com Costa (2009), nesses deslocamentos que duravam em média mais de um ano,

> os *grand tourists* notavam como eram pobremente conhecidos o comportamento e os costumes de nações estrangeiras e buscavam vivenciar intensa troca cultural com a população autóctone e outros viajantes. Além disso, procuravam conhecer os destaques históricos e culturais locais e, principalmente, os seus grandes monumentos, obras de arquitetura, escultura ou pintura, excepcionais e singulares por seu tamanho e beleza ou pelo estranhamento produzido em seus observadores. (COSTA, 2009, p.25)

Percebe-se a partir desta citação que, ao mesmo tempo em que essas viagens eram motivadas pela busca do conhecimento e de novas culturas, elas também estavam intrinsecamente motivadas pelo status de uma educação formal nobre que reafirmava a posição de poder de um indivíduo na sociedade.

Essa descrição dos *Grand Tours* possui características bem parecidas com o que se entende hoje como turismo cultural. O Ministério do Turismo, por exemplo, o define como:

> As atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (BRASIL, 2010)

A partir dessa definição do MTur, entende-se que o foco da conceituação é o objeto da visitação, ou seja, os atrativos culturais em si. De acordo com Costa (2009, p.39), em seu livro “Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação”, isso seria apenas uma parte do fenômeno e para obtermos um conceito mais amplo de turismo cultural, seria necessário incluir outros elementos a esta análise, como as motivações dos participantes, as características do objeto e

do público, a interatividade ou vivência de experiências culturais e as possíveis inter-relações com a preservação e a educação por meio do patrimônio cultural.

Ainda, é importante entender que o turismo cultural enquanto segmentação surge para atender as necessidades do mercado e explorar essa manifestação do fenômeno turístico como uma atividade econômica, para organizar oferta, demanda, produtos e etc. Posicionamento que precisa avançar para entendermos o turismo como fenômeno social e não apenas um produto a ser consumido pelas agências. Segundo Xerardo Pereiro Pérez (2009, p.119), para autores como Greg Richards (2000), “[...] a cultura não pode ser apenas entendida como um produto mas sim como um processo de transmissão de ideias, valores e conhecimentos.” De acordo com Pérez (2009, p. 108), o próprio turismo é uma expressão cultural, “Não pode existir turismo sem cultura [...] Em termos filosóficos toda a prática turística é cultural.”

Além disso, quando se fala de segmentação, fala-se também de hierarquização. Isso porque a segmentação em nichos específicos, de acordo com a oferta ou a demanda, delimita um público-alvo, ou seja, determina quem o empresário quer que tenha acesso àquele lugar ou serviço. É claro que a definição de um público-alvo, oferta, demanda, produto, entre outros, compõem elementos essenciais quando se diz respeito às estratégias de gestão ou marketing, porém, essa lógica perpetua o que Pierre Bourdieu (1979; 1988) entende como um exercício social de distinção. De acordo com Pérez (2009, p. 119), “O consumo é um local de diferenciação social e de distinção simbólica entre os grupos [...]”. Para Bourdieu (1979), portanto, o turismo cultural também se converte numa etiqueta de distinção social.

Outro perigo que existe ao tratar a cultura como uma simples mercadoria de consumo, que também está ligada à hierarquização, é a exclusão da população autóctone do processo de decisão, criação, implementação e gestão do turismo numa determinada região. A população local, que está inserida naquela cultura e reside naquele espaço, é quem antes de mais nada precisa ter o poder de decidir se eles querem o turismo ali dentro ou não e, caso queiram, como ele deve ser trabalhado.

1.2 Literatura

A partir do século XIX, vê-se o primeiro “boom” do turismo, o surgimento dos pacotes turísticos de Thomas Cook (1808-1892), agências de viagens, guias, hotéis e outras estruturas de suporte ao turismo enquanto atividade. Malkin (1999), destaca duas figuras, além de Cook, que tiveram um papel importante nesse processo de ascensão: John Murray (1808-1892), editor e escritor britânico e Karl Baedeker (1801-1859), editor alemão. Esses dois indivíduos, atuantes no mercado editorial literário da época, foram importantes na propagação e popularização dos guias de viagem, Murray ao escrever ele próprio alguns destes e ao editar livros de Darwin, Livingstone e Borrow; e Baedeker ao escrever e viajar para os destinos dos guias de viagem para se certificar de seus conteúdos. (PÉREZ, 2009, p. 107)

Seria esta, então, uma possível conexão entre turismo e literatura? Como indústrias econômicas, pode-se dizer que sim. Mas e academicamente, enquanto campos de conhecimento teórico? E como fenômenos complexos? O próprio cânone literário dita que existem livros que são literários e livros que não o são. Guias de viagem como os mencionados no parágrafo anterior, de acordo com Quinteiro e Baleiro (2017), em princípio, não podem ser considerados textos literários. Mas, então, o que é literatura?

Segundo teóricos como Eagleton (2006) e Culler (1999), essa questão não possui uma resposta definitiva. Assim como o turismo, não é possível resumir a complexidade desse fenômeno em poucas palavras. Primeiramente porque, de acordo com Eagleton (2006), não há uma “essência” que a distingue como tal; segundo, porque a própria pergunta “o que é?” abre espaço para diferentes interpretações quanto a forma como ela deve ser respondida.

Até o início do século XIX, utilizava-se a palavra literatura para designar “textos escritos” ou “conhecimento de livros”, independentemente de características como o conteúdo e a estrutura desses textos (CULLER, 1999). Já numa noção ocidental contemporânea, entende-se que a relação texto/leitor é a peça central capaz de classificar o que é e o que não é literatura. No entanto, de acordo com Culler (1999), essa ideia por si só não é suficiente para responder a questão. Ela apenas faz com que surjam outras.

Quinteiro & Baleiro (2017) entendem que:

> [...] o conceito de literatura corresponde a uma realização que se manifesta na transação entre leitor e texto, numa determinada circunstância contextual, sendo que o que transforma um qualquer texto num texto literário é o facto de optarmos por ler esse texto entendendo-o como tal. Não obstante subscrevermos a maioria dos parâmetros desta definição de literatura, a nossa perspetiva é a de reconhecer que nem todos os textos podem ser lidos como literatura, pois nem todos os textos pedem ao leitor uma atitude de leitura estética (QUINTEIRO & BALEIRO, 2017, p. 11).

Essa atitude é solicitada a partir de uma construção histórico-social ligada ao chamado cânone em vigor, num espaço temporal definido, que resulta na hierarquização do valor literário (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.10). Isso significa que o referencial utilizado para a leitura de um texto como literatura se encontra numa instituição social que aponta as características que agregam valor àquela obra. Logo, uma receita de bolo, por exemplo, ou um guia de turismo, não seriam lidos como literatura porque não possuem características apontadas pelo cânone em seus textos que pedem uma leitura estética. De acordo com Culler (1999, p. 34), “às vezes o objeto tem traços que o tornam literário mas às vezes é o contexto literário que nos faz tratá-lo como literatura”. Já Eagleton (2006, p. 12) afirma que “alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta”.

Ao entrar na questão do “valor”, a situação torna-se mais subjetiva e instável, uma vez que valores e juízos de valor são passíveis de mudança. Com o passar do tempo, o entendimento sobre determinado critério que antes era essencial para denominar uma obra como literatura pode ser completamente alterado. Então, o que explica certas obras manterem o seu valor literário através dos séculos? Segundo Eagleton (2006), a obra se remodela de acordo com a sociedade e a época em que ela é lida, ou seja, o interesse próprio do indivíduo tem o poder de interferir na leitura, na interpretação e, consequentemente, na manutenção do valor daquela obra.

> Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente entendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literatura é extremamente instável (EAGLETON, 2006, p. 17).

A partir desse entendimento, pode-se fazer um paralelo com “O olhar do turista”, de John Urry (1990). Segundo este autor, o contexto histórico e social influencia esse olhar do turista que se constrói a partir do contraste entre práticas turísticas e não-turísticas, dentre as quais, nesta última, pode-se incluir a literatura. Isso quer dizer que, assim como na literatura, a perspectiva sobre o objeto não é fechada e inflexível. De acordo com o autor,

> Não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. Com isso quero dizer que não existe apenas uma experiência universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não-turísticas de experiência e de consciência social; o que faz com que um determinado olhar do turista dependa daquilo com que ele contrasta; quais são as formas de uma experiência não-turística. Esse olhar pressupõe, portanto, um sistema de atividades e signos sociais que localizam determinadas práticas turísticas, não em termo de algumas características intrínsecas, mas através dos contrastes implicados com práticas sociais não-turísticas, sobretudo aquelas baseadas no lar e no trabalho remunerado. (URRY, 1990, p. 16)

Entende-se, portanto, que tanto a relação viajante - experiência turística quanto a relação texto - leitor são dinâmicas subjetivas. Isso porque, ao mesmo tempo em que são únicas, num nível individual, elas baseiam-se num contexto histórico e social que sofre mudanças com o passar do tempo, que influenciam as experiências, os valores e a visão de mundo da sociedade. Percebe-se, ainda, que na equação turismo e literatura, segundo Urry (1990), esta última entra como uma bagagem na construção da visão de mundo do indivíduo, que é a grande bússola de interpretação do turista. No entanto, pode-se questionar o porquê das próprias experiências turísticas, em última instância, não entrarem também como um elemento da constituição da concepção de mundo do indivíduo dentro dessa relação. Entende-se aqui que o turismo e a literatura podem ser ambos parte constituinte da lente do viajante e que esses dois elementos se retroinformam.

Outro paralelo que é interessante trazer para a discussão é a questão da chamada coleção de signos que, segundo Urry (1990), é constituinte da construção do olhar do turista. A Teoria Geral dos Signos, denominada semiótica, é o estudo da linguagem verbal e não verbal, fala-se aqui então de um signo linguístico que seria, numa explicação rasa, a representação de uma determinada coisa, objeto ou ideia

em forma de linguagem. Essa ciência, fundada pelo filósofo e matemático norte-americano, Charles Sanders Peirce, segundo Pignatari (2004),

> nos evita o grave risco de “verbalizar” os demais sistemas de signos, convidando e instigando-nos a compreender melhor não apenas os signos não verbais em suas naturezas específicas, como também a própria natureza do signo verbal em relação aos demais. Por aí, pode perceber-se a importância da Semiótica para o estudo da Literatura, uma vez que situar mais claramente o signo verbal em relação aos demais é uma tarefa de primeira ordem, uma verdadeira “prova vestibular” para a compreensão do fenômeno literário. (PIGNATARI, 2004, p. 22)

Peirce classifica os signos sob a sua relação com o objeto em (1) ícones: signos organizados por similaridade, por analogia, associa-se a formas (“figuras”); (2) símbolos: signos organizados por contiguidade ou proximidade (palavras faladas e escritas), associa-se a conceitos; (3) índices: signos que mantêm relação direta com a o que se refere, seria uma espécie de ligação entre o ícone e o símbolo.

O que isso tem a ver com o turismo? De acordo com Pignatari (2004, p. 20), a semiótica “Serve para ler o mundo não verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme - e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico e não-verbal”. Um turista que viaja para um país em que ele não domina o idioma local (palavras faladas e escritas, logo, símbolos), consegue até certo ponto se localizar, entender comandos e “se virar” em determinadas situações por meio da leitura do mundo não verbal, dos ícones. Isso porque a linguagem semiótica dos ícones é quase que universal.

Além disso, segundo Culler (1981), o turista constantemente utiliza-se da semiótica ao procurar signos que representam uma cultura, uma identidade, um padrão estético, entre outros. Pode-se dizer, então, que o indivíduo que viaja para uma localidade motivado por uma obra literária do autor Jorge Amado, por exemplo, está em busca de signos que representam o que foi lido naquele livro. Segundo Simões (2011, p. 98), a literatura faz “leitores tornarem-se turistas à procura de reconhecer o local imaginado”.

De acordo com a autora, “O bem simbólico, presente na literatura, é consubstancializado para o turista através do patrimônio local”. (SIMÕES, 2011, p. 99) Simões (2011) entende a literatura como um fenômeno veiculador da cultura e instigador do turismo. Em seu texto “O imaginário do cacau na literatura sul-baiana: da produção ficcional ao consumo”, ela destaca Jorge Amado como o principal

responsável pela projeção do imaginário do cacau dentro da produção literária, com diferentes perspectivas ao longo do tempo e trata como esse imaginário influencia na sustentabilidade do turismo dessa região, para além da sua ficcionalização dentro da literatura, e inclui a questão da semiótica em sua argumentação.

> Enquanto o turista busca o reconhecimento, a presença do imaginário do cacau da obra literária se faz, para o local, reconfigurada em exploração turística. [...] Por sua vez, o habitante local (também leitor), sentindo-se um tanto dono da "marca", busca explorar o que o imaginário do cacau produziu. Faz a sua cidade re-ler a literatura através de apelos semióticos. Estabelece "pontes" entre o imaginado e o real. Assim, passa a acontecer uma relação entre os turistas e os locais; relação essa que tem como intersecção o cacau. Os locais procuram traduzir isso para os turistas, na maneira de receber, de comer, de viver. Assim a cidade é tornada texto, re-lida. (SIMÕES, 2011, p. 103)

Imaginários como o mencionado acima são reproduzidos e reforçados com o auxílio de diversas ferramentas, sendo uma delas a literatura. A capacidade de deixar para a posteridade a captura de um recorte da realidade num espaço-tempo definido através de narrativas construídas faz parte da essência do fenômeno da literatura.

As viagens, como já foi destacado no tópico 1.1 Turismo, são parte constituinte do fenômeno do turismo, porém, na discussão que inicia-se a seguir sobre gêneros literários, as viagens e o turismo são tratados de maneira distinta por conta da direção acadêmica. Neste caso, o turismo e as viagens, para além de se apresentarem como uma "consequência" da leitura de uma obra ou como instigadores do turismo, também funcionam, na via contrária, como uma inspiração e podem aparecer como temática central do texto. Quando se trata de temática, entra-se também na questão dos gêneros literários, um outro conceito que gera bastantes debates. Segundo o dicionário Michaelis (2022), a palavra gênero, dentro da literatura, significa "Cada um dos modos pelos quais os diferentes conteúdos literários se organizam em determinada forma de expressão com características específicas, como o lírico, o épico e o dramático [...]". Essa divisão tripartite clássica é comumente conhecida e utilizada, porém, há séculos existe uma grande discussão acerca desta temática.

De acordo com estudos, a palavra gênero é empregada desde a Grécia Antiga para "designar grandes grupos de textos, que se identificam a partir da geração, [...] da concepção de cada texto." (LOPES, 2017, p. 1). Essa concepção

geral permanece. No entanto, a noção clássica do gênero como uma classificação fechada e estanque é substituída a partir do século XVIII, com o Romantismo, pela compreensão do gênero como “impuro”. Segundo Moisés (1985, p.199) “os gêneros são, ao mesmo tempo, imanentes e transcendentes às obras” e como explica Lopes (2017, p.2), por conta dessas características, “não há possibilidade de qualquer obra representar exclusiva e cabalmente um gênero”. Os gêneros, portanto, não seriam “leis nem regras fixas, mas categorias relativas dentro das quais cada escritor se move à vontade”. (MOISÉS, 1985, p.201)

Esse novo olhar expõe a vulnerabilidade existente em classificações como aquela divisão tripartite clássica mencionada anteriormente. Alguns autores, como Moisés (1985), entendem que as falhas nessa classificação a invalidam e propõem uma outra, em que existem na verdade apenas dois gêneros literários: a poesia e a prosa. Esses gêneros se desdobram em espécies e formas. Por exemplo, um texto localizado dentro do gênero poesia, pode ser da espécie épico ou lírico e apresentar forma de soneto, balada, etc. Já a prosa, não se desdobra em espécies e sim em três formas: o conto, o romance e a novela. (MOISÉS, 1985, p. 202-203)

Para além dessas, ainda existem outras formas de classificação e entendimentos relacionados ao assunto. Essa discussão é importante para a compreensão do porquê que ao introduzir o turismo dentro da literatura surgem “subgêneros” e classificações que não seguem as já mencionadas e, por isso, podem não ser tão claras e objetivas. Fala-se aqui das chamadas literatura de turismo e literatura de viagens.

Todo texto classificado como literatura de viagens é um texto de literatura de turismo. Porém, nem todo texto de literatura de turismo é uma literatura de viagens. Poderia-se dizer, então, que esta última é um subgênero da primeira. No entanto, as autoras Quinteiro e Baleiro (2017), na obra “Estudos em Literatura e Turismo - conceitos fundamentais”, também levantam a questão da fragilidade existente na classificação de determinado texto em um gênero específico. Isso porque, assim como foi discutido anteriormente neste tópico sobre o que faz um texto ser entendido como literário ou não, como o cânone em vigor influencia essa decisão e a “impureza” inerente ao gênero, essa classificação, além de instável, pois pode se

alterar de acordo com o período histórico e a cultura em que se insere, acaba por restringir a obra.

De acordo com Quinteiro e Baleiro (2017), a literatura de turismo - tradução livre das autoras para a nomenclatura *tourist literature* utilizada por Harald Hendrix (2014) - deve ser reconhecida enquanto um subgênero literário virtual, uma vez que o conjunto de textos englobados por essa classificação são, na verdade, "pertencentes" a outros "gêneros", como romance, memórias, diários, entre outros, e que, logo, dependem essencialmente da interpretação do leitor para serem entendidos como literatura de turismo. As autoras, no entanto, apontam três características que, de acordo com elas, sugerem que um texto seja classificado como tal:

> (i) têm a capacidade de acrescentar valor turístico a um lugar e, por esse motivo, promovem uma prática turística (referindo ou sugerindo lugares e motivando por essa via uma viagem ou a construção de um itinerário turístico); (ii) promovem a reflexão sobre o turismo e a atividade turística, em geral, bem como sobre os atores nela envolvidos (turistas e viajantes) e nela implicados, por vezes, involuntariamente (os habitantes locais dos destinos turísticos); (iii) retratam práticas de turismo, em geral, e de turismo literário, em particular. (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.24)

A literatura de viagens, portanto, seria um subgênero literário que tem como característica narrativa principal a descrição da viagem, seja ela real ou fictícia, como os relatos de viagem (exemplo: O Mundo da Paz, 1951, de Jorge Amado). Enquanto que a literatura de turismo, além de abranger os textos classificados como literatura de viagens, inclui textos que retratam práticas turísticas e que as promovem, em especial a prática do turismo literário e textos que trazem reflexões sobre o turismo e seus atores (exemplo: Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios, 1945, de Jorge Amado). Um único texto pode, simultaneamente, apresentar todas essas características ou apenas uma ou duas delas.

De acordo com os elementos listados acima, é possível concluir que os guias de viagem, as cartilhas de orientação e outros que seguem essa mesma linha, poderiam ser incluídos no gênero literatura de turismo. Porém, como discutido previamente, esses textos não pedem uma leitura estética, assim como um livro de receitas e, portanto, não são entendidos enquanto textos literários. Entretanto, Quinteiro e Baleiro (2017) não excluem todos os guias de viagem da investigação em turismo e literatura dessa classificação.

As autoras citam em sua obra, 4 guias que foram escritos com a intenção de apresentar uma cidade através da literatura, de forma a quebrar a estrutura tradicional de um guia de viagem. São elas “Lisboa: O que o turista deve ver” (1925), de Fernando Pessoa, o “Guia de Ouro Preto” (1938), de Manuel Bandeira, “Banhos de caldas e águas minerais” (1875) e “As praias de Portugal: O guia do banhista e do viajante” (1876), de Ramalho Ortigão.

> Estas produções textuais vão para além da tradicional listagem de atrações e monumentos (tão específica dos guias de viagens) e, no contexto da análise realizada nos estudos em literatura e turismo, oferecem retratos fiéis das épocas a que se referem, tanto ao nível da história social, política e económica como ao nível do turismo, da sua história, da evolução das atividades disponíveis e até mesmo dos próprios conceitos de visitante e património, por exemplo. (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.25)

Pode-se citar, ainda, para além desses exemplos e em conformidade com o tema deste trabalho, a obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios” (1945), escrita pelo autor Jorge Amado. Esta obra é muito mais que um guia de viagens, ela é uma celebração do povo baiano e da sua cultura. O autor em sua narrativa não tenta esconder ou romantizar os problemas socioeconômicos existentes na cidade, pelo contrário, ele os expõe juntamente com as belezas. O leitor é guiado pelas ruas e ladeiras de Salvador através dos olhos e da experiência de Jorge Amado nesta cidade, além de ser apresentado a pessoas importantes para a história desse povo que ou nasceram na Bahia ou chegaram e se apaixonaram pela cidade. Essa obra será discutida mais a fundo no tópico 2.2 Jorge Amado e o Universo Literário Amadiano, do capítulo 2 deste trabalho.

1.3 Turismo Literário

Após a discussão conceitual dos termos turismo e literatura e como suas áreas de estudo se relacionam, chega-se num ponto de convergência que parte do encontro desses dois termos na prática. Os conceitos, para além do turismo e da literatura, explorados tanto no tópico 1.1 quanto no tópico 1.2 deste primeiro capítulo, como a cultura e o imaginário, são parte constituinte do chamado turismo literário. Porém, outros que ainda não foram mencionados ou aprofundados também mostram-se fundamentais no entendimento deste termo, como os conceitos de espaço, lugar turístico, lugar literário e autenticidade.

Uma visão bastante comum entre os(as) autores(as) que investigam o chamado turismo literário é o entendimento de que ele é um nicho ou uma subcategoria do turismo cultural. Alguns autores como Shelagh J. Squire (1996) e David Herbert (2001), também associam o turismo literário ao turismo patrimonial. Isso porque a literatura é considerada uma expressão artística cultural e, portanto, encaixa-se nas manifestações estipuladas na definição de patrimônio cultural imaterial da UNESCO (2003).

Como foi discutido no tópico 1.1, o termo turismo cultural, assim como o turismo patrimonial, está atrelado a uma segmentação de mercado. Porém, entende-se que a visão mercadológica que enxerga a cultura como um produto a ser explorado pelas agências é limitada e precisa avançar para a compreensão do fenômeno turístico, do papel da cultura dentro dele e, neste caso, do papel da literatura como uma expressão artística da cultura.

As autoras Quinteiro e Baleiro (2017, p. 34-35), definem turismo literário como “[...] um nicho do turismo cultural que tem a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura.” Para essas autoras e outros citados por elas, como Richard Butler (2000), a caracterização de uma viagem como um turismo literário parte da motivação do viajante, esteja ela ligada à obra em si, ao cenário, aos personagens ou ao próprio autor. Para outros, como Graham Busby e Julia Klug (2001), o turismo literário está especificamente ligado a um deslocamento motivado por autores(as) e obras famosas, populares. Mas, em qualquer um dos casos, “é o texto que dá origem à viagem e não a viagem que dá origem a um texto”. (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 36)

O início da viagem com motivação literária coincide com os *Grand Tours*. Até o início do século XX, a motivação da viagem era centrada no(a) autor(a), normalmente, como uma maneira de prestar homenagem a ele(a). Daí em diante, as localidades que compõem o pano de fundo das histórias e os personagens das tramas também tornam-se motivações. (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 38-39) Porém, questiona-se se o turismo literário permanece realmente ligado a apenas autores(as) consagrados(as) e as suas obras famosas ou se a busca pelo desconhecido e o imaginário criado por uma variedade de obras literárias não

necessariamente escritas por autores(as) famosos(as) também podem motivar essa viagem.

Concebe-se que a motivação do turista literário pode partir tanto de obras e autores(as) famosos(as) quanto de obras e autores(as) menos conhecidos(as). No entanto, de acordo com Quinteiro e Baleiro (2017, p. 70), percebe-se que "[...] as entidades promotoras – câmaras municipais, entidades públicas, fundações de autores, agentes turísticos e as próprias editoras – tendem a escolher os autores canônicos e os *best-sellers*, uma vez que há uma maior garantia de atrair visitantes." Isso porque, conforme dito no início do tópico, o turismo literário associa-se a uma segmentação de mercado e os produtos criados para atender a demanda turística visam números, sejam eles relacionados à quantidade de visitantes ou à receita gerada pelo atrativo.

Por outro lado, esse turismo também é visto em contraposição ao chamado turismo de massa, como uma forma de desafogar destinos sobrecarregados, contornar a sazonalidade, valorizar o patrimônio cultural local e promover o envolvimento da comunidade como ator chave na condução das experiências turísticas.

> [...] a sustentabilidade do turismo literário revela-se na promoção da educação, na preservação dos costumes, das artes, ofícios locais e património edificado e, à semelhança do que acontece com outros tipos de turismo de nicho, na promoção da empregabilidade ao longo de todo o ano [...] (QUINTEIRO & BALEIRO, 2017, p. 43)

Com relação a isso, surgem questões acerca de destinos turísticos que enfrentam justamente o oposto do que foi descrito por conta das adaptações de obras literárias para o cinema e para a televisão. As localidades veem um crescimento desmedido na quantidade de turistas, principalmente durante a alta temporada, e logo passam a lidar com consequências como o aumento no preço dos aluguéis dos imóveis residenciais e a lotação de estabelecimentos que fazem parte da vida cotidiana dos moradores, por exemplo, restaurantes e padarias. A dinâmica da cidade, portanto, altera-se e, neste caso, termina por expulsar a própria população dos centros históricos.

De acordo com Busby & Klug (2001), isso caracteriza o chamado turismo literário induzido pelo cinema, que é diferente do turismo literário. Porém,

entende-se que o imaginário criado a partir da obra literária tende a se fundir com o criado a partir da adaptação cinematográfica que, por consequência, reforça o primeiro. Com isso, fica difícil distinguir se a motivação do viajante que leu e assistiu ao filme parte de um ou de outro. (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 43)

A alteração na dinâmica da cidade, entretanto, ocorre independentemente do turismo introduzido em determinado lugar ser considerado de massa ou não. Isso acontece porque "[...] a atividade turística é, em absoluto, uma prática espacial, na qual as movimentações do sujeito no espaço físico são cruciais." (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 49) Além disso, o fenômeno turístico tem a capacidade de criar, apropriar-se e ressignificar objetos e espaços geográficos preexistentes à sua chegada (DA CRUZ, 2003, p. 8). O espaço, segundo Milton Santos (2008),

> [...] seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 2008, p.78)

Esse espaço descrito por Santos (2008), "transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado." (TUAN, 1930, p.167) A partir do momento que esse lugar passa a ser frequentado por turistas, ele torna-se um lugar turístico. De acordo com Almeida (2006, p. 109), é a "[...] intencionalidade e a prática do turista (que) identificam o lugar e não o inverso."

Já o lugar literário, pode-se dizer que é "[...] o ponto no mapa físico cujo significado emerge do conhecimento que o indivíduo tem do texto literário e da biografia dos autores." (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 52) É um espaço, portanto, delimitado e ressignificado a partir da sua conexão com o literário. Essa ação inicia-se dentro do próprio texto, ficcional ou não, por meio da movimentação e da interação dos personagens com os espaços escolhidos pelo(a) autor(a). A relação estabelecida entre esses dois elementos, somada a interpretação do leitor, cria uma nova imagem daquele mesmo espaço, que quando transferida para o lugar 'físico' concretiza o significado projetado pelo lugar 'imaginado'.

> [...] o leitor [...] ao interpretar o imaginado ficcional tem a sua curiosidade aguçada para conhecer um mundo não familiar. Movido pela vontade de ver a paisagem que inspirou o texto literário, "passeia" pela cidade que a ficção oferece. Assim nasce o leitor-turista. Não satisfeito, porém, com a mobilidade ficcional somente, ele quer "ler"/ver, ao vivo e a cores, os locais reais tomados pela ficção. De leitor a turista, é um passo: aquele que a mobilidade e o trânsito permitem. Torna-se turista-leitor, viajando para

> re-conhecer e observar as re-significações daquelas cidades, antes "visitadas" através da leitura. (SIMÕES, 2011, p.101)

Uma outra forma de criar um lugar literário é a partir da biografia do autor(a), que não advém necessariamente de uma obra escrita. Espaços tradicionalmente frequentados por ele(a) que marcaram de alguma forma sua trajetória, sua antiga residência ou sua sepultura, por exemplo, tornam-se lugares literários através da sua conexão com a história pessoal do(a) autor(a). O La Floridita em Havana é um exemplo clássico, que tem inclusive uma estátua do ganhador do Nobel de literatura Hemingway, assim como o apartamento em que viveu e escreveu parte de suas obras, também em Havana.

Daí em diante, é uma questão de decidir se esses lugares serão abertos ao público para visitação. Às vezes, a iniciativa de tornar um determinado lugar ligado à vida do autor em atrativo turístico parte do próprio escritor ou de seus familiares, como foi o caso da Casa do Rio Vermelho, em Salvador, antiga moradia de Jorge Amado e sua família. Porém, entende-se que um lugar literário só torna-se um lugar turístico a partir do momento em que há o deslocamento de pessoas para visitar a atração, se não, este seria apenas um lugar com potencial turístico e não um lugar turístico de fato.

Os(as) autores(as) como instigadores(as) da viagem literária, espelham a motivação inicial dos primeiros turistas literários, *no Grand Tou*r, que era a de prestar uma homenagem ao autor ou buscar uma conexão com aquele indivíduo por meio do contato com "resquícios de sua vida cotidiana". Essa ideia de contato com resquícios de uma vida e um tempo passado introduz uma problemática que envolve a questão da autenticidade nas experiências turísticas, neste caso em específico, daquelas ligadas ao turismo literário.

Na já citada casa do Rio Vermelho, por exemplo, os objetos expostos são parte da coleção pessoal de Zélia Gattai e de Jorge Amado, os móveis são peças que realmente foram utilizadas pela família durante os anos em que viveram ali. Poderia-se dizer, então, que são objetos autênticos. Mas, e nos casos em que recria-se um ambiente (um quarto, um escritório), com peças da época que se assemelham ao que o(a) autor(a) teria usado, porém, não são aquelas que realmente possuíram? Ou, ainda, quando um conjunto arquitetônico é aproveitado

para simular casas ou estabelecimentos que antes existiam apenas dentro da ficção literária, como é o caso do Parque Quarteirão Jorge Amado, em Ilhéus, na Bahia?

De acordo com Quinteiro & Baleiro (2017, p. 60-61), neste último caso, “os turistas partem para a visita turística dispostos a diluir as fronteiras entre o real e o imaginário, procurando a presença e os lugares das personagens ficcionadas no conjunto dos elementos arquitetónicos reais.” Para essas autoras, não existe uma autenticidade real dentro do turismo, apenas o que elas chamam de “gradações do autêntico”. Já autores como Herbert (2001) e Coutinho, Faria & Faria (2016), entendem que a autenticidade é subjetiva e depende da interpretação do turista, somada a todos os elementos incorporados num lugar turístico.

> [...] surge a necessidade de encarar a autenticidade em sua subjetividade, que não depende apenas do lugar, da atração, do caráter da reprodução da arte, mas também da visão (crítica ou não) que o turista possui em relação ao que vivencia em suas viagens.” (Coutinho F. N., Faria D. M. C. P, Faria S. D, 2016, p.43)

> Authenticity becomes a subjective experience, a combination of the developers’ intentions, the consumers’ interpretation, and the interactions among them. (Herbert, 2001, p.317)

Uma outra questão que é importante ser comentada é o fato de que o turista literário, principalmente aquele motivado pela obra em si, seus personagens, as paisagens e os lugares criados dentro da narrativa, ficcional ou não, já possuem um imaginário construído, a partir da obra, acerca daqueles elementos. Isso, consequentemente, gera imagens mentais que tendem a ser reforçadas pela mídia divulgadora, e que levam, inevitavelmente, à criação de expectativas.

O perigo dessas expectativas é justamente a quebra delas. Dentro do fenômeno turístico, os produtos e serviços que compõem uma grande parte da experiência do viajante são, em sua maioria, intangíveis. Isso significa que toda experiência vivida pelo turista torna-se única, por mais padronizada que ela pretenda ser. Isso porque o olhar do turista, a sua interpretação e a relação entre as expectativas criadas pré-viagem e a vivência do lugar em si é o que revela o “resultado” da sua experiência. Logo, controlar essa questão torna-se uma tarefa bastante complexa.

CAPÍTULO 2 - DA LITERATURA DE JORGE AMADO AO TURISMO BAIANO

Após a fundamentação teórica dos conceitos de literatura e de turismo, realizada no capítulo 1, e a discussão sobre a relação entre esses campos de estudo como áreas de investigação conjunta, seus pontos de convergência e o chamado turismo literário, inicia-se aqui a segunda parte da pesquisa realizada neste trabalho.

Jorge Amado (1912-2001), ao longo dos seus 88 anos de vida e quase 70 de carreira como romancista, fez sucesso não apenas no Brasil, mas também em diversos outros países, inclusive na União Soviética, onde suas obras foram bem difundidas. O autor nunca escondeu seus ideais socialista e seu vínculo com o partido comunista, ao qual se filiou em 1932. Essa ligação, inclusive, fez com que ele fosse preso duas vezes durante o Estado Novo (1937-1950), antes de se exilar no Uruguai e na Argentina durante um curto período, e mais uma vez ao retornar ao Brasil, nesta última, em prisão domiciliar. Nesta época seus livros foram retirados de circulação e até mesmo queimados em praça pública pela polícia, em Salvador.

Esse não foi o único momento da vida do escritor em que ele foi perseguido por conta da sua atuação política. Os ideais políticos de Jorge Amado se fizeram muito presentes na sua escrita e tiveram grande influência na sua recepção pelo público e, por isso mesmo, é relevante mencioná-los aqui. Suas obras, mesmo aquelas escritas após o seu afastamento do partido e da sua atuação mais ativa dentro da esfera política, continuaram com características de denúncia social, a diferença estava apenas na apresentação.

Em 1945, Jorge Amado lança um guia de viagens intitulado “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios”, que convida o leitor a uma viagem por Salvador. Nesta obra o autor fala da cidade física, mas também traz o seu lado místico. Apresenta um guia diferente dos tradicionais e propõem visitas a lugares do cotidiano baiano, aos terreiros de candomblé, aos bairros proletários, além dos atrativos tradicionais.

Percebe-se, não só por essa obra, que o cenário preferido do autor em seus romances é a Bahia. Apesar de conhecer diversos países e ter morado na Argentina, no Uruguai, na França, na Tchecoslováquia e muitos anos no Rio de

Janeiro, Jorge Amado nunca deixou de falar da Bahia e do povo baiano. Talvez, por essa razão o autor tenha um papel tão importante na construção da imagem que a Bahia tem hoje. Seus romances iniciais que se passam na região grapiúna, de acordo com Simões (2011), têm grande influência na construção e solidificação do imaginário do cacau no sul desse estado. Para a coordenadora de comunicação e acervo da Casa do Rio Vermelho, em entrevista para esta pesquisa,

> Jorge traduziu pra gente o que é a baianidade. [...] acho que ele é um dos responsáveis pela cara que a Bahia tem hoje. E quando eu digo a cara que a Bahia tem, é uma imagem pra nós baianos, mas muito mais, porque isso é visto pelo mundo inteiro [...] (AMADO, 2021, s/p.)

O fato desse escritor ter se consolidado como um representante da literatura brasileira, sendo um dos primeiros a colocar o baiano, o trabalhador, a prostituta, os meninos em situação de rua, o pobre, o negro como protagonistas de seus romances, mostra a sua influência sobre esse mesmo povo. Segundo a diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado, Angela Fraga, em entrevista para esta pesquisa, “[...] todo baiano, brasileiro, que lê a obra de Jorge Amado se enxerga um pouco ali nos personagens.”

Essa identificação com o autor e suas obras torna-se uma motivação para que seus leitores procurem se deslocar até a Bahia em busca de uma aproximação com o escritor e com o cenário dos seus romances. A partir daí, é possível investigar o encontro entre a literatura e o turismo a partir da identificação de atrativos turísticos ligados à vida do autor ou aos seus personagens e de experiências de turismo literário, em especial na cidade de Salvador e Ilhéus, no estado da Bahia.

Portanto, o objetivo deste capítulo é tentar apresentar as conexões existentes entre o universo literário de Jorge Amado e o fenômeno do turismo a partir da análise de alguns materiais, dentre eles, a obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios”, de Jorge Amado; a tese “A Bahia de Jorge Amado”, de Jacques Salah; e duas entrevistas realizadas em abril de 2021, uma com a coordenadora de comunicação e acervo da Casa do Rio Vermelho, Maria João Amado, e outra com a diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado, Angela Fraga, ambas instituições localizadas em Salvador, na Bahia.

2.1 Jorge Amado e o Universo Literário Amadiano[1]

Jorge Amado, nascido em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, sul da Bahia, mudou-se para Ilhéus aos 2 anos de idade com a família depois que uma enchente atingiu a região da fazenda Auricídia, onde moravam, e os deixou desabrigados. Passou sua infância na região grapiúna e desde criança já demonstrava sua aptidão e paixão pela escrita. Ainda adolescente, com seus 15 anos, Jorge já estudando em outra escola, participou da publicação oficial do grêmio estudantil (uma amostra do afloramento do seu engajamento político), escreveu versos e prosas para revistas literárias e passou a trabalhar, também, em redações de jornais. Viveu dias como repórter policial do *Diário da Bahia*, porém logo se enveredou para as páginas políticas e, pouco tempo depois, virou redator do jornal.

Em 1931, Jorge Amado publicou seu primeiro romance, “O País do Carnaval”. Depois dele, mais de 25 obras se acumularam na sua carreira como escritor. A obra de Jorge Amado é geralmente dividida em duas grandes temáticas: a rural, que explora a região grapiúna, das fazendas de cacau e do sertão baiano e a citadina, também chamada de romances urbanos, que segundo Amado, em entrevista para o programa Vox Populi, da TV Brasil, em 1984, são aqueles que têm como pano de fundo, principalmente Salvador e Ilhéus, e em que o grande herói é o povo da Bahia. De acordo com Salah (2008, p.29), o melhor resumo dos temas amadianos é o seguinte conjunto: “os negros, as ruas, o candomblé, a culinária, a arquitetura, a natureza, o folclore e, é claro, a cidade e seus mistérios”.

A classificação “romance do Nordeste”, conforme chamada pela crítica literária brasileira, inaugurada pela obra “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida, em 1928, contava com temas como a seca e a fome como características marcantes desse ciclo. O autor Jorge Amado, apesar de não explorar exatamente esses temas, é considerado um dos principais representantes dessa fase juntamente com Raquel de Queirós, José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos.[2] Ao longo do tempo, Jorge se distancia do movimento modernista e do chamado

---

[1] As informações sobre a vida de Jorge Amado foram majoritariamente extraídas de AGUIAR, J. **Jorge Amado: Uma biografia**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2018.

[2] JORGE Amado, Autores Modernistas da Segunda Fase (continuação). **Só Literatura**. Virtuous Tecnologia da Informação, 2007-2022.

“romance do Nordeste”, e passa do realismo socialista ao realismo *tout court* e, depois, ao realismo mágico. Essa evolução na abordagem dos seus romances se direciona à poesia, ao humor e à ironia. (SALAH, 2008)

De 1933 a 1937, o autor manteve uma constância na sua escrita, publicando 1 romance por ano, fora a sua atuação em jornais como o *A Manhã*, ligado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização de esquerda. “Cacau”, de 1933, “Suor”, 1934, “Jubiabá”, 1935, “Mar Morto”, 1936 e “Capitães de Areia”, 1937, o consolidaram como escritor militante e perseguido político, tendo sido preso três vezes durante a ditadura Vargas (1937-50) e exilado entre 1941 e 1942 no Uruguai e na Argentina.

Desses cinco romances iniciais, “Jubiabá”, pode-se dizer que tornou Jorge Amado um escritor mais conhecido, sendo inclusive, segundo Maria João Amado, coordenadora de comunicação da Casa do Rio Vermelho, o motivador da ida do etnólogo e fotógrafo Pierre Verger e do artista plástico argentino Carybé para Salvador; “Mar Morto”, ganhou o prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras e é considerada sua obra mais lírica, porém, “Capitães de Areia”, obra que tem como protagonistas meninos em situação de rua da cidade de Salvador e apresenta uma realidade ainda muito atual, parece ser uma das mais enraizadas no imaginário do brasileiro. Este romance teve diversos exemplares queimados em praça pública pela polícia do regime do Estado Novo e é considerado um dos romances mais emblemáticos do autor. Sua presença no imaginário brasileiro pode ser percebida por meio de músicas, em especial as do gênero rap, como “Capitães de Areia”, de Baco Exu do Blues, “Pedro Bala”, de LEALL e Babidi, “Triunfo”, de Emicida e “Capitão de Areia”, de Afterclapp. Esta obra, ainda, ganhou uma adaptação cinematográfica em 2011, com direção de Guy Gonçalves e Cecília Amado, neta do autor.

Eleito em 1945 para deputado federal pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), Amado teve seu mandato cassado após o partido ser colocado na clandestinidade e, em 1948, partiu para o seu segundo exílio, desta vez, um pouco mais longo e voluntário, na Europa. Durante esse tempo, o autor escreveu suas obras mais engajadas, incluindo “Seara Vermelha”, de 1945, “Os Subterrâneos da Liberdade”, de 1954, e seus relatos de viagem pela URSS e outros países

socialistas no livro “O Mundo da Paz”, de 1951, que se encaixa dentro do gênero literatura de viagens discutido no tópico 1.2 Literatura. Ainda nessa época, o autor também publicou a obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios”, em 1945, que será discutida mais a fundo no tópico 2.1.1.

Em 1956, após os atos de Stálin virem à tona pelas denúncias de Nikita Khrushchov, Jorge Amado desliga-se do PCB e proíbe a reedição desse último livro, que é considerado uma grande propaganda do socialismo soviético. Esta obra, inclusive, foi retirada de circulação durante a ditadura militar (1964-1985) juntamente com “O Cavaleiro da Esperança”, de 1942, biografia de Luís Carlos Prestes escrita pelo autor. Esta obra, já na sua primeira edição, em 1941, foi apreendida por censores do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, criado durante o Estado Novo, ditadura Vargas - logo que saiu e, após apelação do editor, Martins, teria sido liberada a venda do livro desde que este não ficasse exposto nas vitrines e nem fosse divulgado na imprensa.

Após o afastamento de Jorge Amado das atividades do partido político, o autor inicia uma segunda fase da sua carreira literária. Até o momento, percebia-se claramente seus ideais políticos dentro de suas obras, porém o lançamento de “Gabriela, Cravo e Canela”, em 1958, inaugura uma fase menos militante, o que não significa que o autor abandona seu caráter crítico, apenas a sua abordagem que passa a ser diferente e a fazer mais o uso da ironia e do lirismo. O romance Gabriela tornou-se um verdadeiro fenômeno no Brasil, aclamado pelo público apesar das críticas que, normalmente, não eram muito elogiosas. No mundo, foi responsável por abrir portas antes fechadas para o escritor por conta do seu posicionamento político, como o mercado literário dos Estados Unidos, por exemplo. A obra, ainda, rendeu ao autor o primeiro lugar na categoria romance da primeira edição do tradicional prêmio Jabuti, em 1959.

“Gabriela, Cravo e Canela” firmou-se como uma das obras mais famosas de Jorge Amado e foi adaptada para a televisão duas vezes pela TV Globo, uma em 1975 por Walter George Durst, com Sônia Braga no papel de Gabriela e outra em 2012, por Walcyr Carrasco, dessa vez com Juliana Paes no papel principal, ambas embaladas pela clássica música de abertura “Modinha para Gabriela” interpretada

por Gal Costa. Em 1983, o romance também foi adaptado para o cinema, com direção de Bruno Barreto e com Sônia Braga novamente como protagonista.

Jorge Amado, que ainda adolescente teve sua primeira iniciação no candomblé, possuía dois títulos: ogã de Oxóssi, concedido por Procópio, babalorixá do terreiro Ilê Ogunjá e o de ogã de Iansã, concedido por Joãozinho da Goméia, à frente de um candomblé de caboclo e, em 1959, foi designado Obá Otum Arolu de Axé Opô Afonjá, por Mãe Senhora.[3] O autor durante toda a vida manteve uma relação muito próxima com o candomblé e sempre procurou cumprir as funções exigidas pelos seus títulos.

Em 1961, Jorge Amado foi eleito para ocupar a Cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras no lugar de Otávio Mangabeira, engenheiro e político baiano. Esta cadeira já tinha sido ocupada por escritores como José de Alencar e Machado de Assis. Após a morte do autor em 6 de agosto de 2001, quem assumiu a posição foi a sua esposa, Zélia Gattai, também escritora.[4]

Depois do sucesso de Gabriela, Amado ainda publicou a novela “A morte e a morte de Quincas Berro D’água” junto com “O capitão-de-longo-curso” num único volume: “Os velhos marinheiros”, em 1961, e outros grandes sucessos protagonizados por figuras femininas: “Dona Flor e seus dois maridos”, em 1966, “Teresa Batista Cansada de Guerra”, em 1972, e “Tieta do Agreste”, em 1977. Todos estes receberam adaptação cinematográfica ou televisiva. A cineasta Cecília Amado quando questionada “Até que ponto a televisão e o cinema aumentaram a difusão da obra de Jorge Amado?”, em entrevista para a Rádio Câmara, na Reportagem Especial, em 2009, opina que

> Essas adaptações só tiveram repercussão por causa da obra em si. As adaptações não fizeram mais lido, mas talvez uma celebridade no sentido contemporâneo da palavra. Mas a responsável é a literatura, por isso ele foi procurado e não o contrário (AMADO, 2009).

O próprio autor entendia que as adaptações para a tela são uma recriação da obra e como plataformas diferentes, seria impossível manter-se 100% fiel ao livro. Por isso mesmo, o escritor preferia muitas vezes não interferir nesse processo de adaptação e, por outras, preferia nem mesmo assisti-las. Outras obras do autor

---

[3] Para entender melhor o que esses títulos significam, consulte AGUIAR, J. **Jorge Amado: Uma biografia**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2018, p.453.

[4] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Academia Brasileira de Letras | Membros**, 2022.

adaptadas para o cinema que podem ser mencionadas são: Terras Violentas (baseado em Terras do Sem-Fim), em 1948, Seara Vermelha, de 1963, a adaptação original de Capitães da Areia, de 1970, Os Pastores da Noite, de 1975, Tenda dos Milagres, que estreou em 1977, Jubiabá, de 1987 e Tieta do Agreste, filmado em 1996.

Outro romance que vale ser citado, ainda, é Tocaia Grande, publicado em 1984, que segundo a coordenadora de comunicação e de acervo da Casa do Rio Vermelho, em entrevista para esta trabalho, é a obra de Jorge Amado que une suas duas temáticas principais já descritas no início do tópico, a rural e a citadina, pois "Ela começa como um romance do cacau e chega na formação da cidade de Irisópolis que antes era conhecida como Tocaia Grande". De acordo com a entrevistada, esta era a obra do autor que ele considerava como seu livro melhor escrito.

É importante fazer esse resgate da trajetória do autor para que seja possível compreender como ele se tornou um clássico, a importância da sua obra e a sua relevância na construção do imaginário cultural brasileiro acerca da Bahia. Além disso, entender o porquê de sua vida e seu universo literário terem se tornado motivação para a realização de viagens turísticas para a Bahia.

> Jorge Amado, na minha visão, ele é um escritor, que mesmo quem não lê Jorge Amado, conhece. É um escritor que, pra mim, só tem alguém no Brasil que é como ele, o Monteiro Lobato. Hoje você pega qualquer menino adolescente que tira uma foto com dois amigos, bota 'Dona Flor e seus dois maridos'. Nunca leu o livro. Qualquer morena brejeira, botou uma flor no cabelo, é Gabriela, cravo e canela. Então é como a Emília, a Narizinho e o Pedrinho. Tá tão arraigado no imaginário coletivo que as pessoas conhecem. (AMADO, 2021)

No tópico a seguir, investiga-se mais a fundo a obra "Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios" a fim compreender melhor não só a relação do autor com o fenômeno turístico, como também outras conexões que se estabelecem entre a literatura e o turismo na obra.

2.1.1 Bahia de Todos-os-Santos: Guia de Ruas e Mistérios (1945)

Publicado em 1945, época em que os chamados guias de cidade estavam em alta, reflexo da popularização das viagens turísticas no início do século XX, o Guia de ruas e mistérios, de Jorge Amado, apresenta uma Bahia real. A obra,

encomendada pelo editor José de Barros Martins, junta-se a outras como o “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife”, de 1934, de Gilberto Freyre e o “Guia de Ouro Preto”, de 1938, de Manuel Bandeira, que apresentam guias de viagem com uma estrutura diferente das que as pessoas estavam acostumadas.

O autor oferece um retrato da cidade como ele a conhece e a percebe. Nesta obra, Amado guia o leitor pelas ladeiras de Salvador e mostra de tudo. As belezas da cidade, as ruas, as igrejas, os terreiros, as festas, mas também, o lado obscuro, o histórico de luta, as desigualdades sociais e sobretudo, o cidadão baiano. “Ele traz isso de uma forma romanesca, agradável que faz com que as pessoas tenham curiosidade de ver (a cidade).” diz Angela Fraga, diretora executiva da Fundação Casa de Jorge Amado. Não podia ser diferente, afinal, Jorge Amado sempre escreveu não só sobre a Bahia, mas sobre seu povo, protagonista de seus romances, assim como a própria cidade.

O Guia de Ruas e Mistérios é dividido em seis partes: (1) Atmosfera da Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos; (2) Igrejas, Anjos e Santos; (3) O Povo em Festa; (4) O Mundo Mágico do Candomblé; (5) Personagens de Ontem, de Hoje e de Sempre; e (6) Terra, Mar e Céu. Ao longo da sua narrativa, o autor faz diversas recomendações ao/a turista e inaugura o guia com um convite, mas também com um aviso:

> Se és apenas uma turista ávida de novas paisagens, de novidades para virilizar um coração gasto de emoções, viajante de pobre aventura rica, então não queiras esse guia. Mas se queres ver tudo, na ânsia de aprender e melhorar, se queres realmente conhecer a Bahia, então, vem comigo e te mostrarei as ruas e os mistérios da cidade do Salvador, e sairás daqui certa de que este mundo está errado e que é preciso refazê-lo para melhor. Porque não é justo que tanta miséria caiba em tanta beleza. [...] te falarei do pitoresco e da poesia, te contarei da dor e da miséria. (AMADO, 1945, p.17)

Jorge Amado propõe uma viagem transformadora. O convite do escritor vai para aquele(a) viajante aberto(a) a novas experiências, não necessariamente cercadas de belas paisagens. Ele procura um(a) turista disposto(a) a encarar a realidade cotidiana da cidade, a dinâmica pulsante existente naquele espaço. Portanto, entende-se que o turismo que ele quer incentivar neste guia não é um turismo de massa, em que o(a) viajante mal se conecta com os lugares que visita, ele deseja que o indivíduo se encante pelas belezas e pelo mistério que “escorre

sobre a cidade como um óleo" (AMADO, p. 25), mas que não negue a existência dos bandos de Capitães da Areia que roubam por conta da fome.

O autor sugere ao turista que vá aos atrativos tradicionais, como por exemplo, a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Não só pela sua arquitetura ou por frequentemente aparecer numa lista de "lugares que você precisa conhecer em Salvador", o autor, em seu texto, traz a história do monumento, seja ela obscura e sangrenta ou não, e expõe a sua importância para a população, as tradições construídas em torno daquele lugar e a sua participação no cotidiano do povo baiano. Por isso mesmo, além de igrejas, aparecem terreiros, bares, mercados, bairros proletários e outros.

Sua lista incluí o Pelourinho, a rampa do Mercado Modelo, a Igreja do Monte Serrat, a Ladeira do Tabuão, o Forte de São Marcelo, a Rua Chile, a Lagoa do Abaeté, o Forte de Santo Antônio, o Museu do Convento do Carmo, a Baixa dos Sapateiros, o Largo da Sé e muitos outros. Para além de construções e monumentos, o autor na última parte do seu guia - (6) Terra, Mar e Céu - elabora uma espécie de sessão de anúncios, que ele intitula de "intervalo para os comerciais", no qual divulga serviços como advogado, hotéis, cinema, casas de antiguidade, cabeleireiro, onde comprar ferramentas de orixás, batidas de frutas e acarajé da melhor qualidade.

Jorge Amado, que ao longo de toda a sua vida nunca perdeu sua veia crítica, tendo na juventude publicado vários romances classificados como realismo socialista que possuíam uma forte pegada ideológica, não deixa de cutucar o leitor diversas vezes em seu texto. O guia escrito em 1944, foi publicado no meio da sua fase mais engajada dentro da política.

> Nem tudo é poesia apenas, e o drama explode nas ruas em enxames de crianças famintas, na multiplicação dos mendigos, na fome em terra tão rica. Nem tudo é grande tampouco, e certos homens, aventureiros vindos de todas as partes, tentam reduzir essa beleza negra e pesada, densa como óleo e profunda de mistério, às proporções turísticas, e tudo fica pequeno e triste quando tocado por tais mãos. Existe uma persistente e criminosa tentativa de deformar a beleza da Bahia, sua dramática beleza centenária. (AMADO, J., 1945, p. 66)

A visão do turismo expressa pelo autor na passagem citada, entende esse fenômeno como um limitador dos mistérios e da beleza da cidade. É possível interpretar que o escritor se refere, na verdade, à inserção da atividade turística

naquele espaço e aos produtos criados a partir das potencialidades existentes ali, que muitas vezes são realizados por indivíduos que não consideram todos os atores envolvidos no processo e procuram mascarar a realidade das desigualdades sociais presentes no cotidiano da cidade. Essa passagem, também, abre espaço para o entendimento de que o autor aqui fala, também, de expectativas e da autenticidade dessas experiências ou a falta dela.

Quase 40 anos depois de escrever esse guia, Jorge Amado, aos 72 anos, opina sobre o turismo, em entrevista para o programa Vox Populi, da TV Cultura, gravado em 1984, durante uma maratona de entrevistas do autor em São Paulo, para divulgação do seu livro Tocaia Grande, A Face Obscura:

> Eu acho bom, por que não? Se empregassem um pouco desse dinheiro que os turistas deixam lá pra conservar a cidade seria bom. Vou te dizer uma coisa, se não foi toda destruída a Bahia, se deve em parte a isso. Quer dizer, o turismo hoje representa uma tal entrada de dinheiro, uma tal indústria que eles tem que conservar o que restou para o turista ver. O turista vai pra praia e pra ver a velha cidade da Bahia. (AMADO, 1984)

Aqui, percebe-se que a visão do autor sobre o fenômeno fecha-se na esfera econômica. Ele, inclusive, chama o turismo de indústria. Quando Amado diz que a cidade da Bahia só não foi completamente destruída porque ela precisa ser conservada para o turista ver, ao mesmo tempo em que aponta os problemas de um turismo que exclui a participação da população local, elucida ao menos o potencial desse fenômeno como um propulsor da conservação do patrimônio cultural local.

A partir de uma fala da coordenadora de comunicação da Casa do Rio Vermelho sobre o turismo em Salvador, percebe-se que essa dinâmica descrita na resposta de Jorge Amado se manteve bem parecida ao longo do tempo.

> Salvador é uma cidade que a vocação da gente é uma vocação turística e ela passou um tempo meio abandonada. As pessoas vinham pra Bahia e iam direto pro litoral norte fazer o turismo de praia, que é um turismo que geralmente deixa pouca divisa na cidade. Eles iam pra aqueles grandes resorts, então davam dinheiro pros resorts, e no máximo faziam um by day pelo pelourinho, centro histórico, mas não ficavam na cidade. E a maioria nem chegava a vir, saia do aeroporto direto para o litoral norte. Com o trabalho que a prefeitura do ACM Neto começou a fazer na cidade, a gente tá retomando esse turismo. Além de fazer um trabalho grande de mobilidade na cidade, ele está fazendo trabalho de paisagismo, está reorganizando toda a orla turística, ele tem um trabalho grande cultural. Já inaugurou nesse tempo a Casa do Rio Vermelho, o espaço Pierre Verger de fotografia baiana, o espaço Caribé de artes, a Casa do Carnaval e agora vai inaugurar a Cidade da Música. (AMADO, 2021)

2.2 Da literatura ao turismo

Jacques Salah em sua tese “A Bahia de Jorge Amado”, de 2008, propõe-se a investigar “o retrato da Bahia que se desprende da obra romanesca de Jorge Amado” (p.19). Para tanto, este autor utiliza-se dos romances amadianos classificados como parte do “ciclo urbano”, ou seja, os romances situados dentro da temática citadina. Seriam eles: *Suor*, *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Capitães da Areia*, *Os velhos marinheiros*, *Os pastores da noite*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Tenda dos Milagres*, *Teresa Batista cansada de guerra* e *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*.

Salah divide sua pesquisa em três partes: os aspectos espacial e social da Bahia, a Bahia religiosa do candomblé e a Bahia folclórica e cultural. A partir da sua investigação, o autor chega à conclusão de que a “[...] a cidade é simultaneamente tema, cenário, personagem e autor.” (SALAH, 2008, p.243)

> A cidade da Bahia age, pois, em todos os níveis nos romances de Jorge Amado, e é por essa razão que escolhemos, a propósito do candomblé, a expressão “carne do romance”, que , de fato, poderia se aplicar à cidade e a seus múltiplos aspectos. Mas da mesma forma que o organismo romanesco deve sua existência ao sopro criador da cidade e da civilização baianas, a cidade adquire, graças ao romancista, uma fisionomia e uma consideração novas. Depois da aparição da obra amadiana, a Bahia não é mais o que era antes. [...] O candomblé e a cozinha afro-baiana fazem agora parte do patrimônio cultural universal. Sem dúvida, a reputação da cidade não seria tão extensa sem a obra de Jorge Amado [...] (SALAH, 2008, p. 247)

Esse estudo mostra o quanto a cidade da Bahia e o universo literário do autor estão interligados. Suas imagens e imaginários se misturam e se complementam. Entende-se, ainda, que os romances analisados foram gatilhos para a ressignificação do espaço urbano baiano e responsáveis por criar novas dinâmicas nesse espaço. Uma forma de modificar a dinâmica espacial é a partir da inserção de novos objetos no espaço, que instigam novas relações. Esses objetos podem ser atrativos turísticos, por exemplo, que são discutidos a seguir.

Para tanto, retoma-se o conteúdo das entrevistas realizadas, a fim de explorar um pouco mais essa questão dos atrativos e da sua relação com a ressignificação do espaço.

No estado da Bahia, identifica-se que os atrativos ligados à vida e à obra de Jorge Amado concentram-se nas cidades de Ilhéus e Salvador, sendo a primeira o local onde o autor morou durante a sua infância, e a segunda, a cidade da sua adolescência e para onde voltou depois de morar muitos anos no Rio de Janeiro e em vários outros países durante os seus períodos de exílio fora do Brasil. Além disso, ao longo de toda a sua carreira como escritor, ambas cidades permaneceram como cenário de seus romances.

De acordo com Maria João Amado, “De alguma forma, a cidade inteira (Salvador) é muito ligada à obra de Jorge. Você consegue enxergar.” Em sua entrevista, a coordenadora destacou os atrativos localizados tanto em Salvador quanto em Ilhéus que considera mais relevantes relacionados ao autor. Essa lista está esquematizada no Quadro 1 abaixo, com identificação da localidade e como esse atrativo é classificado enquanto lugar literário, de acordo com as categorias criadas pelas autoras Quinteiro & Baleiro (2017, p. 55-56).[5] Nesse quadro, ainda, estão identificados três festivais literários, que não aparecem como lugares literários na classificação utilizada como referência, porém entende-se que é válido colocá-los na listagem.

Quadro 1 - Atrativos turísticos relacionados à vida ou à obra de Jorge Amado identificados na entrevista com Maria João Amado, da Casa do Rio Vermelho

Atrativo	Classificação	Localização (cidade)
Bar Vesúvio (Gabriela Cravo e Canela)	locais de inspiração	Ilhéus - BA
Centro Cultural Bataclan	museu	Ilhéus - BA
Casa do Rio Vermelho	casa-museu de autores	Salvador - BA
Casa de Cultura Jorge Amado	casa-museu de autores	Ilhéus - BA
Estátua de Jorge Amado, Zélia Gattai e Fadul (o cachorro deles)	referências na paisagem a escritores	Salvador - BA
Festival Amar Amado	festival literário	Ilhéus - BA
FLIPELÔ	festival literário	Salvador - BA
FLIOS	festival literário	Ilhéus - BA
Fundação Casa de Jorge Amado	fundação de autores	Salvador - BA
Placa de identificação do Casarão (nº 33) - cenário do terceiro romance de Jorge Amado, Suor	locais de inspiração	Salvador - BA

[5] Tabela 1 Tipo e exemplos de lugares literários, completa no Anexo A.

Quadro 1 - Atrativos turísticos relacionados à vida ou à obra de Jorge Amado identificados na entrevista com Maria João Amado, da Casa do Rio Vermelho (continuação)		
Atrativo	**Classificação**	**Localização (cidade)**
Praças do Pelourinho (nomeadas em homenagem às obras do autor)	referências na paisagem a personagens	Salvador - BA

Fonte: elaboração própria

Para além do Bar Vesúvio e da Casa de Cultura, localizados em Ilhéus, citados pela entrevistada, pode-se mencionar ainda a Catedral de São Sebastião, o Teatro Municipal, a Associação Comercial de Ilhéus, a Estátua de Sapho, o Palácio Paranaguá, a Igreja Museu São Jorge, a Casa do Coronel Misael Tavares e a Casa de Tonico Bastos que compõem o Circuito Cravo. E para além do Bataclan, o Ilhéus Hotel e Restaurante do Coronel, o antigo Porto de Ilhéus, o Restaurante Velhos Marinheiros, o Cristo Redentor e o Outeiro de São Sebastião que fazem parte do Circuito Canela. Esses dois circuitos foram propostos a partir do projeto “Quarteirão de Jorge Amado”, criado pela Secretaria de Turismo e a Fundação Cultural de Ilhéus com a intenção de fomentar o turismo literário motivado pelos romances escritos pelo autor que tem como cenário a cidade. (CARNEIRO et al, 2011, p. 53-54)

> Aqui na Bahia nós temos três casas que trabalham com esse tema: Jorge Amado e Zélia Gattai. A gente tem a Casa de Cultura, que fica em Ilhéus, que é o casarão onde ele morou quando era criança. Nós temos a Casa Fundação de Jorge Amado, que fica no Pelourinho e nós temos a Casa do Rio Vermelho […] que é a casa onde (eles) moraram por aproximadamente 50 anos. (AMADO, 2021)

A Casa do Rio Vermelho é um museu municipal, bancado pela prefeitura de Salvador e gerido por uma empresa privada escolhida por meio de licitação. Maria João conta que o museu nasceu de um pedido de sua avó, Zélia, que queria que a casa onde a família residiu por aproximadamente 50 anos se tornasse um espaço para reverenciar a memória de seu marido e a dela. A Casa do Rio Vermelho, portanto, não é exatamente um centro cultural porque foca apenas nessas duas pessoas e, também, não recebe outros encontros culturais não relacionados a elas.

A Casa costuma promover rodas de leitura que ajudam na constância das visitas ao museu. Segundo a coordenadora, as pessoas que já conhecem o museu, às vezes querem ir apenas para ficar pelos jardins e ler um livro ou manter aquele

lugar como um espaço de convivência na cidade. Durante a pandemia, no entanto, o museu precisou ser fechado, porém as rodas continuaram, primeiro via google meet e depois via live no *Instagram* com a participação de Paloma e João Jorge, filhos de Jorge Amado e Zélia.

Maria João, destaca que em 5 anos de existência, a Casa do Rio Vermelho não teve nenhum tipo de campanha publicitária, apenas mídia espontânea e boca a boca, e mesmo assim, o museu é o segundo atrativo mais visitado e conhecido da cidade, “A gente perde pra Igreja do Bonfim e só.” A entrevistada ainda afirma que “As pessoas ficam um dia a mais em Salvador para conhecer a casa do Rio Vermelho”.

Além das rodas de leitura, o museu possui um trabalho de visitas mediadas voltadas para o público escolar. É interessante reconhecer o potencial dessa atividade para o turismo pedagógico atrelado a literatura como uma forma de aproximação desses alunos com elementos da sua cultura, valorização do patrimônio local e da identidade da sua própria cidade. Segundo Maria João,

> A gente traz pra um público que não conhece Jorge Amado, que tem inclusive uma dificuldade de linguagem porque o pessoal que tá crescendo nesse momento twitter, 150 caracteres, tudo muito rápido, a mensagem tem que ser dada em 5 minutos. Então você traz eles de volta pro mundo da literatura e isso é muito bacana. (AMADO, 2021)

Um outro espaço que recebe regularmente visitas de escolas é a Fundação Casa de Jorge Amado, porém seu maior público, de acordo com Ângela Fraga, diretora executiva da instituição, vem de fora da Bahia. Com exceção das FLIPELÔs que recebem bastantes soteropolitanos, principalmente de Salvador e de escolas do interior. A FLIPELÔ é uma feira literária promovida pela Fundação em parceria com o SESC que ocorre no Pelourinho e, atualmente, é o maior evento literário da Bahia.

A Fundação é uma instituição cultural sem fins lucrativos de natureza privada, que possui parcerias com o governo e é mantida através de doações, subvenções, auxílios e patrocínios de entidades públicas e/ou privadas e de convênios firmados com entidades congêneres.

> Inaugurada em 7 de março de 1987, a Fundação Casa de Jorge Amado, foi idealizada e instituída com o objetivo de preservar e estudar os acervos bibliográficos e artísticos do escritor Jorge Amado, assim como incentivar os estudos e pesquisas acima de toda literatura feita na Bahia, criando um fórum permanente de debates sobre a realidade brasileira, especialmente sobre a luta pela superação das discriminações raciais e socioeconômicas.

> A criação da Casa contou com a colaboração fundamental do próprio autor e sua companheira, Zélia Gattai, da Universidade Federal da Bahia e da escritora Myriam Fraga – que esteve à frente da Casa por 30 anos. A instituição é considerada um ponto de referência na geografia cultural da cidade, realizando cursos, seminários, oficinas, ciclos de conferências, lançamentos de livros, exposições e a FLIPELÔ – Feira Literária Internacional do Pelourinho [...] (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, 2022)

Essas duas instituições podem ser entendidas como “objetos”, edificações que promovem uma mudança na dinâmica espacial e instigam novas relações no espaço. A Casa do Rio Vermelho através das rodas de leitura e das próprias visitas ao museu e a Fundação através da promoção de oficinas, seminários e eventos literários como a FLIPELÔ. Um outro exemplo disso, ainda, é um aplicativo criado para a Fundação que reproduz trechos da obra de Jorge Amado (áudio disponível em vários idiomas) relacionado a algum elemento arquitetônico apontado através da câmera do celular do visitante na paisagem vista do Mirante das Letras. Angela Fraga diz, ainda, que existe o projeto de um aplicativo de um dicionário topográfico da obra de Jorge Amado, que infelizmente não foi para frente, pois a equipe não conseguiu financiamento para a sua realização.

Maria João, em sua entrevista, diz que o pessoal da Casa do Rio Vermelho também possui o desejo e a intenção de elaborar um aplicativo que mapeia os lugares que são cenários dos romances de Jorge Amado e traz os trechos em que eles são citados nas obras, mas que, por enquanto, a ideia está apenas no papel.

A entrevistada, ainda, afirma que existe o interesse de empresas de turismo em fazer um circuito Jorge Amado em Salvador, porém ela não sabe apontar se há algum já elaborado. Identifica-se, portanto, uma lacuna de oportunidade para a elaboração de um projeto nesse sentido que trabalhe de preferência com a comunidade local, possivelmente com um viés pedagógico. Porém, entende-se que não cabe neste trabalho apontar um direcionamento para essa ação. Pretende-se, portanto, apenas expor a oportunidade e deixar a sugestão para pesquisadores interessados em investigar a viabilidade de um circuito turístico desses.

Após essa discussão, pode-se concluir, que a conexão entre o turismo e o universo literário amadiano, neste caso, materializa-se em atrativos turísticos existentes relacionados aos seus romances ou à própria vida do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a promover uma reflexão sobre turismo e literatura a partir do universo literário de Jorge Amado, procurando responder como poderia se relacionar esse universo literário ao turismo baiano tendo como aporte a área de pesquisa em turismo e literatura. A partir de uma pesquisa exploratória, com a utilização de pesquisas bibliográficas, pesquisas documentais e entrevistas como instrumentos de investigação, buscou-se, no primeiro capítulo, trazer teóricos(as) que discutem tanto o turismo e a literatura enquanto campos de estudos independentes, como pesquisadores(as) que se debruçam sobre os estudos dessas duas áreas de maneira conjunta, a fim de promover uma reflexão que contribuísse para um olhar crítico sobre a temática.

Já no segundo capítulo, o objetivo foi tentar estabelecer conexões entre o universo literário de Jorge Amado e o fenômeno do turismo, a partir da análise da obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios”, de Jorge Amado; da tese “A Bahia de Jorge Amado”, de Jacques Salah; e de duas entrevistas realizadas em abril de 2021.

A partir dessa pesquisa, foi possível investigar, dentro das limitações de uma monografia de conclusão de curso, o turismo enquanto um fenômeno complexo, multifacetado e subjetivo. Especialmente no que diz respeito à relação viajante - experiência turística e o paralelo com a relação texto - leitor, dentro de um fenômeno também complexo, chamado literatura. Identificou-se elementos e conceitos que dialogam com ambos, como o imaginário, a cultura, a semiótica e outros. Todos extremamente importantes nessa ponte entre a literatura e o turismo.

Destaca-se, ainda, a potencialidade do turismo literário como um propulsor da valorização do patrimônio cultural local, as possibilidades de associação com o turismo pedagógico e o desenvolvimento das atividades ligadas à ele com a presença da comunidade autóctone. Além disso, conclui-se que a capacidade do turismo de criar, se apropriar e ressignificar espaços desencadeia alterações nas dinâmicas espaciais da cidade ao possibilitar a materialização do lugar imaginado no espaço físico que desempenha um papel importante nesse encontro, na prática.

Ainda, é possível concluir que uma parte da conexão entre o turismo e o universo literário amadiano, materializa-se em atrativos turísticos existentes relacionados às suas obras ou à própria vida do autor, como A Casa do Rio Vermelho, antiga residência de Jorge Amado, que tornou-se museu, ou o Bar Vesúvio, que serviu de cenário dentro do romance Gabriela, Cravo e Canela e hoje, faz parte de um circuito turístico inspirado no autor. Uma outra parte dessa conexão pode ser identificada da sua própria obra “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios”, classificada como literatura de turismo por apresentar um texto que incentiva a prática do turismo, além de trazer uma reflexão acerca do fenômeno.

A investigação proposta neste trabalho contou com algumas limitações, como a impossibilidade de realização de visitas in loco por conta da pandemia de COVID-19. Essa situação adversa, ainda, prejudicou o contato com outros indivíduos que poderiam contribuir para o enriquecimento das informações primárias coletadas, uma vez que atrativos, como museus, foram obrigados a permanecer fechados por vários meses. Houve tentativas de contato com funcionários da Casa de Cultura Jorge Amado, localizada em Ilhéus, porém, sem sucesso. Além disso, há a questão do não aprofundamento em algumas teorias, que mesmo pertinentes e relevantes, não conseguiriam ser explicadas de maneira satisfatória.

No entanto, a partir dessas limitações, aponta-se a oportunidade de enriquecimento da discussão acerca do turismo literário e suas potencialidades dentro da temática do turismo e da literatura, por meio de um aprofundamento da pesquisa realizada aqui. Os trabalhos acadêmicos dentro da temática de turismo e literatura ainda carecem de uma produção mais abundante. Entende-se que a pesquisa desenvolvida neste trabalho abre caminhos para novas investigações com abordagens diferentes, focadas em algum romance específico de Jorge Amado ou, ainda, em um outro autor ou autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Academia Brasileira de Letras | Membros.** Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/membros?title=&field_cadeira_value=23&field_cadeira_posicao_value=All> Acesso em: 5 de Abr. 2022.

A FUNDAÇÃO. **Fundação Casa de Jorge Amado**, 2020-2021. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/a-fundacao/>. Acesso em: 13 Abr. 2022.

AGUIAR, J. **Jorge Amado: Uma biografia**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2018.

ALMEIDA, M. G. A produção do ser e do lugar turístico. In.: SILVA, J. B.; LIMA, L. C.; ELIAS, D. (Orgs.) **Panorama da geografia brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 109-122.

AMADO, Cecília. Reportagem especial Jorge Amado - As adaptações para cinema e televisão (06' 40"). [Entrevista concedida a] Luis Cláudio Campo. **Rádio Câmara**, Brasília, 2009.

AMADO, J. **Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. Vox Populi - Jorge Amado. [Entrevista concedida a] Silvia Poppovic. **TV Cultura**. São Paulo, 1984.

BASSINELLO, P. Z. **Uma viagem ao encontro do tempo de alteridade no turismo: desmembrando horizontes epistemológicos a partir das contribuições de uma filosofia dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

BENI, M. C.; MOESCH, M. Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 25, p. 9-30, 1 jan. 2016.

BENI, M. C. Sistema de Turismo - SISTUR: Estudo do Turismo face à moderna Teoria de Sistemas. **Revista Turismo em Análise**, *[S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 15-34, 1990. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63854. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Marcos Conceituais - ano 2006**. /Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf> Acesso em: 10 de Mai. 2021

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf> Acesso em: 10 de Mai. 2021

BOURDIEU, P. La Distinction. **Critique sociale du jugement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. La distinción. **Criterios y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus, 1988.

BUSBY, G.; KLUG, J. Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. **Journal of Vacation Marketing**, Vol. 7, n. 4. UK: Henry Stewart Publications, 2001, p. 316–332. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/247764260_Movie-Induced_Tourism_The_Challenge_of_Measurement_and_Other_Issues> Acesso em: 8 Abr. 2021.

CARNEIRO, E. dos R.; CARVALHO, R. C. O.; SANTOS, I. J. dos S.; SANTOS, M. da S.; BONFIM, N. R. O Turismo no Quarteirão Jorge Amado, Ilhéus (Bahia, Brasil): integrar é preciso. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 51-70, abril de 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, F. R. Do Grand Tour ao Turismo de Massa Contemporâneo. In: COSTA, F. R (Org.). **Turismo e patrimônio cultural : interpretação e qualificação**. São Paulo: Senac São Paulo/Edições SESC SP, 2009. p. 23-76.

COUTINHO, F. N.; FARIA, D. M. C. P. & FARIA, S. D.. Turismo literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário. In: **Albuquerque – revista de história**, vol. 8, n. 16, 2016, p. 31-50. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

CULLER, J. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

CULLER, J. Semiotics of Tourism. **American Journal of Semiotics**. Vol. 1, 1981. p.127-140.

DA CRUZ, R. C. A. A geografia do turismo - aspectos conceituais; aportes teóricos e metodológicos. In: DA CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003. Parte I, p. 1-41.

EAGLETON, T. Introdução: O que é literatura? In: EAGLETON, T (Org.). **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.1-24.

FUNDAÇÃO Casa de Jorge Amado. Memórias Vivas - Jorge e Zélia, uma história de amor na Bahia. **Salvador da Bahia - Misture-se - Roteiros, Experiências e Eventos**, 2018. Disponível em: <https://www.salvadordabahia.com/experiencias/fundacao-casa-de-jorge-amado/> Acesso em: 13 de Abr. 2022.

GASTAL, S. Turismo, Imagem e Imaginários. In: **Coleção ABC do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2005.

GÊNERO. In: **Michaelis. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/genero/ > Acesso em: 6 Abr. 2022.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

HENDRIX, H.. Literature and tourism: Explorations, reflections and challenges. In: QUINTEIRO, S; BALEIRO, R. (Orgs.), **Lit & tour: Ensaios sobre literatura e turismo**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2014, p.19-30.

HERBERT, D. Literary places, tourism and the heritage experience. In: **Annals of Tourism Research**, Vol. 28, No. 2, 2001. UK: University of Wales Swansea, 2001. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.491.6729&rep=rep1&type=pdf> Acesso em: 8 Abr. 2022.

JORGE Amado, Autores Modernistas da Segunda Fase (continuação). **Só Literatura**. Virtuous Tecnologia da Informação, 2007-2022. Disponível em: <https://www.soliteratura.com.br/modernismo/modernismo16.php> Acesso em: 8 Abr. 2022

LOPES, C. G. **Gêneros literários**, 2017. Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com.br/cicero/pdfs/GenerosLiterarios.pdf> Acesso em: 13 de Mar. 2022

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MOESCH, M. M. Por uma epistemologia do turismo. In: MOESCH, M. M. (Org.). **A Produção do Saber Turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 9-18.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1985. (Verbete Gênero).

MORIN, E. **O Método: I. A Natureza da Natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. - 1. ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PAKMAN, E. **Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à História do Pensamento Turístico**. XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Universidade do Estado do Ceará, 2014.

PÉREZ, X. P.. Turismo Cultural. Uma visión antropológica. **PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Colección PASOS, ed. 2. Tenerife (España): El Sauzal, 2009.

PIGNATARI, D. Introdução à Semiótica: Uma ciência que ajuda a “ler” o mundo. In: PIGNATARI, D. (Org.). **Semiótica & literatura**. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 15-20.

PONZIO, A. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. **Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, 2017.

RICHARDS, G. Políticas y actuaciones en el campo del turismo cultural europeo. In: HERRERO PRIETO, L. C. (coord.). **Turismo cultural: El patrimonio histórico como fuente de riqueza**. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000.

SALAH, J. **A Bahia de Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2008.

SANTOS, M. Paisagem e Espaço. In.: SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 67-81.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SIMÕES, M. L. N. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 6, DLA - Universidade Estadual de Santa Cruz - UFBA, 2002, p. 177-183.

SIMÕES, M. L. N. O imaginário do cacau na literatura sul-baiana: da produção ficcional ao consumo. In: SIMÕES, M. L. N; VOISIN, J. (Org.). **Expressões culturais, literatura e turismo : estudos sobre memória, identidade e patrimônio cultural**. Ilhéus: Editus, 2011, p. 91-106.

SQUIRE, S. J. Literary Tourism and Sustainable Tourism: Promoting 'Anne of Green Gables' in Prince Edward Island. In: **Journal of Sustainable Tourism**, Vol. 4, n. 3. UK: 1996, p. 119-134. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09669589608667263>. Acesso em: 8 Abr. 2022.

TUAN, Y. Experiências íntimas com o lugar. In: TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013, p. 167-181.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf> Acesso em: 9 Abr. 2022

URRY, J. O Olhar do Turista. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001, p. 15-32.

VEAL, A. J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
portador do CPF de número _____, aceito participar da pesquisa empírica para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **colocar o título provisório do trabalho em negrito**, construído pela aluna **seu nome completo em negrito**, graduanda do curso de Turismo do Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade de Brasília (UnB), e pelo professor orientador **colocar nome do orientador**. Estou ciente de que a pesquisa se desenvolverá apenas no âmbito do Programa de Graduação em Turismo, da Universidade de Brasília (UnB) com fins acadêmicos. O objetivo geral da pesquisa é o de **colocar o objetivo geral do trabalho**. Minha participação será por meio de entrevista semiestruturada, realizada no dia de hoje, com tempo estimado de 01 (uma) hora, aproximadamente. Minha participação será voluntária e não me acarretará nenhum tipo de despesa. Poderei recusar a responder qualquer questão ou a participar de qualquer procedimento que me traga desconforto ou constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Os riscos decorrentes de minha participação na pesquisa são nulos, já que expressará minha experiência de vida e contribuirá para a construção do trabalho aqui referenciado. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília (UnB), podendo ser publicado em meio científico, posteriormente, em forma de artigo ou resumo estendido para a participação em eventos. Os documentos, dados e materiais arquivados serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda da aluna pesquisadora por um período de 05 (cinco) anos. Logo após este período, todo o material arquivado será destruído. Caso tenha alguma dúvida em relação à pesquisa, poderei entrar em contato com a responsável pela pesquisa pelo número (61) **seu celular** e pelo e-mail **seu e-mail**. Por fim, afirmo ter recebido todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e opto por:

AUTORIZAR TER MEU NOME PUBLICADO NA PESQUISA ( ) SIM ( ) NÃO
AUTORIZAR O USO DE MINHA IMAGEM NA PESQUISA ( ) SIM ( ) NÃO
AUTORIZAR A GRAVAÇÃO E USO DE ÁUDIO E/OU VÍDEO ( ) SIM ( ) NÃO

_____
Assinatura do participante

Cidade/Estado: _____
Data: _____ de _____ de _____

ANEXO A

Tabela 1 Tipos e exemplos de lugares literários

Tipo de lugar literário	Exemplos
Casas dos autores / casas-museu de autores	A casa de Cora Coralina, em Goiás Velho (Brasil); a casa-museu Lope de Vega, em Madrid (Espanha); a casa de Fernando Pessoa, em Lisboa (Portugal); a casa de Charles Dickens, em Londres (Inglaterra) e a casa de Victor Hugo, em Paris (França).
Fundações de autores	A Fundação José Saramago, em Lisboa (Portugal); a Fundação Camilo José Cela, em Padrón (Espanha); a Fundação Eça de Queiroz, em Tormes (Portugal) e a Fundação Jorge Amado, em Salvador (Brasil).
Sepulturas de autores	A sepultura de Cervantes, na Igreja de S. Ildefonso, Mosteiro das Trinitárias Descalças, em Madrid (Espanha); a sepultura de Camões, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa (Portugal); a sepultura de Eça de Queiroz, em Santa Cruz do Douro, Baião (Portugal) e a sepultura de Oscar Wilde, no cemitério Père Lachaise, em Paris (França).
Locais de trabalho dos autores	A cave da Casa de Medrano, em Argamasilla de Alba (Espanha), onde Cervantes esteve encarcerado e se diz ter escrito parte de D. Quixote; o escritório de Pablo Neruda, na sua casa de Isla Negra (Chile); a casa de Eça de Queiroz, situada no n.o 32 da rue Charles Lafitte, em Paris (França), onde viveu num período que se diz de fecunda produção literária e o escritório de Goethe, na sua casa, em Weimar (Alemanha).
Locais frequentados por escritores	O Gran Hotel La Perla, em Pamplona (Espanha), onde Ernest Hemingway se hospedava; o Café les Deux Magots, em Paris (França), frequentado por autores como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir; o café Old Havana frequentado por Eça de Queiroz, em Havana (Cuba) e o café Martinho da Arcada, em Lisboa (Portugal), frequentado por Fernando Pessoa.
Locais de inspiração	O cemitério del Poblenou, em Barcelona (Espanha), um dos locais que terá inspirado Hans Christian Andersen a escrever Spanish travels; Top Withens, a quinta em Haworth (Inglaterra), que se diz ter inspirado a que é representada em Wuthering heights, de Emily Brontë e a casa da Torre da Lagariça, em Resende (Portugal), que inspirou Eça de Queiroz em A ilustre casa de Ramires.
Cenários de livros	Cartagena das Índias (Colômbia), cenário de Cem anos de solidão de Gabriel García Márquez; Dublin (Irlanda) cenário de Dublinesca de Enrique Vila-Matas; Leiria (Portugal), cenário de O crime do padre Amaro, de Eça de Queiroz e o Rio de Janeiro (Brasil), cenário de Dom Casmurro, de Machado de Assis.
Referências na paisagem a personagens	A placa que assinala o local de nascimento da personagem Leopold Bloom de Ulysses, de James Joyce, Dublin (Irlanda); a estátua da personagem do romance A Regenta, de Clarín, em Oviedo (Espanha); o graffiti de Padre Amaro e Amélia, na Rua Eça de Queiroz, em Leiria (Portugal) e a estátua alusiva à Pequena Sereia, de Hans-Christian Andersen, em Copenhaga (Dinamarca).

Tabela 3.1. Tipos e exemplos de lugares literários (continuação)

Tipo de lugar literário	Exemplos
Referências na paisagem a escritores	O monumento dedicado a Miguel de Cervantes, em Madrid, (Espanha); a placa que assinala o lugar onde Camões terá falecido, na Calçada de Santana, em Lisboa (Portugal); a estátua de Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim (Portugal); a estátua de Oscar Wilde, em Dublin (Irlanda) e a estátua de Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro (Brasil).
Parques literários	O parque temático Mundo de Astrid Lindgren, em Vimmerby (Suécia), onde é recriado o imaginário dos livros da autora, nomeadamente da popular personagem infantil Pipi das Meias Altas e o Quarteirão Jorge Amado, em Ilhéus (Brasil).
Bairros literários	O Barrio de las Letras, em Madrid (Espanha); o Boston Literary District, em Boston (EUA) e o Iowa Literary Walk, em Iowa (EUA).
Bibliotecas de interesse turístico-literário	A Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid, onde se encontra depositada a primeira edição de Impresiones y paisajes, de Federico García Lorca; a Biblioteca Joanina, em Coimbra (Portugal), onde se encontra uma primeira edição d'Os Lusíadas, de Luís de Camões e a Gladstone's Library, em Hawarden (País de Gales), onde é possível pernoitar.
Livrarias de interesse turístico-literário	A Livraria Lello, no Porto (Portugal); a Livraria Bardon, em Madrid (Espanha); a Livraria El Ateneo, em Buenos Aires (Argentina); o Café-livraria El Péndulo, na Cidade do México (México), bem como todas as livrarias que são objeto do chamado bookstore tourism (visita a pequenas livrarias independentes).
Museus literários	O Malacca Literature Museum, em Malaca (Malásia); a Casa Museo de la Literatura, em Lima (Perú); o Dublin Writers Museum, em Dublin (Irlanda); o Koshinokuni Museum of Literature, em Toyama (Japão); o Literatuurmuseum, em Hagen (Holanda); o Museu Literário Petöfi, em Budapeste (Hungria) e o Odessa State Literature Museum, em Odessa (Ucrânia).

(Fonte: QUINTEIRO & BALEIRO, 2017, p. 55-56)